

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE JORNALISMO

FLÁVIO LOMBARDI TEODORO

A cobertura da natação paralímpica nas edições de 2008, 2016 e 2024:

uma análise do discurso do GloboEsporte.com

Uberlândia

2025

FLÁVIO LOMBARDI TEODORO

A cobertura da natação paralímpica nas edições de 2008, 2016 e 2024:

uma análise do discurso do GloboEsporte.com

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Patrícia Aparecida
Amaral

Uberlândia

2025

FLÁVIO LOMBARDI TEODORO

A cobertura da natação paralímpica nas edições de 2008, 2016 e 2024:

uma análise do discurso do GloboEsporte.com

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Uberlândia, 07 de maio de 2025.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Patrícia Aparecida Amaral – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dr^a. Cíntia Aparecida de Sousa – Universidade Federal de Uberlândia

Dedico esse trabalho a todos os atletas paralímpicos, profissionais ou não. Que vocês sejam representados de forma digna, como atletas que realmente são.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Patrícia pelo incentivo, motivação e orientação nesta caminhada acadêmica e por toda disponibilidade, compreensão e paciência. A realização deste trabalho só foi possível graças ao direcionamento desta excelente profissional.

A minha banca avaliadora pela disponibilidade de tempo e pelas considerações no meu trabalho.

Aos meus pais e ao restante da minha família pelo apoio e incentivo, tanto moral quanto financeiro, durante toda minha trajetória na graduação, sem vocês nada disso seria possível. Estar na universidade sempre foi um sonho e vocês me ajudaram a realizá-lo, sem dúvidas são inspirações, já que também trilharam este caminho.

Agradeço também a minha namorada Gabriela, pelo apoio neste difícil trajeto, todo seu conhecimento acadêmico e de pesquisa me foram extremamente úteis na elaboração deste trabalho. Obrigado por suportar a distância nestes anos de graduação, e por não me deixar desistir nos momentos mais complicados, não há dúvidas de que você é e será uma grande pesquisadora e profissional da área da saúde.

Deixo também o agradecimento a nossa gata Sabrina, que me fez companhia em madrugadas de escrita deste trabalho.

Agradeço a alguns amigos que o curso me trouxe, que além de auxiliarem academicamente, também trouxeram alívio em momentos de descontração.

Agradeço aos professores do curso, e mesmo aqueles que não possuo tanta afinidade, fizeram parte da minha história dentro da Universidade, e com certeza todo o conhecimento transmitido fará de mim um bom profissional.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de Uberlândia, local que me serviu como casa nestes anos de curso, e, também, local pelo qual trabalhei e pude experenciar a prática jornalística.

RESUMO

Os jogos Paralímpicos, realizados a cada quatro anos, envolvem diversos atletas em todas as suas edições, podendo ser considerados um grande evento esportivo, assim como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo de Futebol. Observa-se que a cobertura destas competições, em algumas ocasiões, tratou de forma problemática, o atleta paralímpico. Algumas expressões refletem preconceito e até desconhecimento na cobertura jornalística, por isso, o presente trabalho se utiliza da análise do discurso para verificar a forma como o portal Globo Esporte.com (GE) tratou sobre o tema na modalidade natação, uma das mais consagradas do esporte paralímpico Brasileiro. Observamos três períodos da competição, 2008, 2016 e 2024. Buscamos observar se houve matérias que se utilizaram do capacitismo ou do vitimismo e se houve alguma mudança no discurso ao longo dos períodos. Pesquisa de abordagem qualitativa em que buscou-se selecionar e analisar dezoito notícias, seis de cada período e analisá-las, a fim de encontrar estes problemas já citados, e notar se houve ou não evolução.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Natação Paralímpica; Paralimpíadas; Atletas Paralímpicos

ABSTRACT

The Paralympic Games, held every four years, involve several athletes in all of their editions, and can be considered a major sporting event, just like the Olympics or the Football World Cup. It should be noted that the coverage of these competitions, in some cases, treated Paralympic athletes in a problematic way. Some expressions reflect prejudice and even lack of knowledge in the journalistic coverage, which is why this study uses discourse analysis to verify how the Globo Esporte.com (GE) portal dealt with the subject in swimming, one of the most renowned Brazilian Paralympic sports. We observed three periods of the competition, 2008, 2016 and 2024. We sought to observe whether there were occurrences that used ableism or victimhood and whether there was any change in the discourse throughout the periods. This qualitative approach research sought to select and analyze ten news items, six from each period, and analyze them in order to find these problems already reported and note whether or not there was progress.

Keywords: Sports journalism, Paralympic swimming, Paralympic Games, Paralympic athletes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	JORNALISMO ESPORTIVO, O INÍCIO E ESPECIALIZAÇÃO.....	12
2.1	JORNALISMO ESPORTIVO DIGITAL.....	17
3	JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS.....	21
3.1	BRASIL NAS OLIMPÍADAS.....	24
3.2	HISTÓRIA DOS JOGOS PARALÍMPICOS.....	25
3.3	BRASIL NAS PARALIMPÍADAS.....	27
3.4	CLASSIFICAÇÃO DOS ATLETAS PARALÍMPICOS.....	29
4	REPRESENTAÇÃO DOS ATLETAS PARALÍMPICOS NA MÍDIA.....	31
4.1	ANÁLISE DO DISCURSO.....	37
4.1.1	O discurso nas Paralimpíadas de Pequim 2008.....	40
4.1.2	O discurso nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro 2016.....	43
4.1.3	O discurso nas Paralimpíadas de Paris 2024.....	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	53
	ANEXO A – REPORTAGENS DO GLOBO ESPORTE.COM DOS JOGOS PARALÍMPICOS DE PEQUIM 2008.....	59
	ANEXO B – REPORTAGENS DO GLOBO ESPORTE.COM DOS	

JOGOS PARALÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO 2016..... 65

**ANEXO C – REPORTAGENS DO GLOBO ESPORTE.COM DOS
JOGOS PARALÍMPICOS DE PARIS 2024..... 76**

1 INTRODUÇÃO

Realizados a cada quatro anos, os Jogos Paralímpicos reúnem atletas com deficiência de diversos países. Disputados na mesma localidade, e com um breve intervalo de tempo em relação aos Jogos Olímpicos, as Paralimpíadas têm crescido em público, participantes e modalidades cada vez mais e tornando-se um dos grandes eventos ligados ao esporte.

A edição de 2024 foi realizada em Paris, na França, no período de 28 de agosto a 8 de setembro. Segundo o site oficial dos Jogos Olímpicos, a edição reuniu quatro mil atletas de 184 países, para a disputa de 22 modalidades. Embora seja uma competição com ligações às Olimpíadas, desde seu surgimento, as Paralimpíadas têm hoje relevância e impacto na sociedade, devendo ser tratadas como um torneio próprio, e não como uma derivação de outro torneio.

O crescimento da competição em questão, também a colocou, inevitavelmente, sob uma maior cobertura da mídia em geral, não somente a especializada. Embora ainda não tenha o espaço oferecido às Olimpíadas, é possível dizer que a quantidade de reportagens e visibilidade na mídia aumentou desde seu início. Este crescimento em relação ao espaço das Paralimpíadas em coberturas jornalísticas, sejam elas televisivas ou de qualquer outra forma, evidenciou também problemas relacionados ao tratamento de pessoas com deficiência por parte dos jornalistas.

A vertente do jornalismo responsável pela cobertura desses eventos, o jornalismo esportivo, muitas vezes transmite a imagem de estar despreparada, sem saber como lidar com esses atletas. Assim é possível, notar formas de abordagem deste meio, que reforçam questões como preconceito, capacitismo e estereótipos relacionados às pessoas com deficiência.

Questões como essas destacadas acima são muito ligadas às visões que não somente o público em geral, mas os próprios profissionais e estudantes têm do jornalismo esportivo. Esta área é frequentemente ligada à cobertura futebolística, visto que, o futebol é o esporte mais popular do Brasil. Esta cobertura, quando feita por profissionais desatentos ou não especializados no assunto, pode esbarrar em muitos preconceitos, sendo os mais conhecidos, o “super-herói” e o “coitadinho”. Essas visões são frequentemente atribuídas aos atletas com deficiência em diversas reportagens destes eventos.

A primeira delas, gira em torno da ideia de apresentar o atleta paralímpico como exemplo de superação, em uma narrativa frequentemente romantizada e repetida, como alguém que atravessou as limitações impostas por sua deficiência e se tornou um exemplo. No entanto, essa abordagem, além de transmitir uma visão irreal destes atletas, coloca o restante das pessoas com deficiência em um local de inferioridade por não terem alcançado o mesmo ápice destes esportistas.

A segunda visão, a do “coitadinho” ou “vítima”, coloca o atleta como uma pessoa assolada por sua própria deficiência. Assim, esses atletas são vistos como vencedores apenas por participarem de competições esportivas. Quando na verdade, os atletas paralímpicos são profissionais de alto rendimento, com treinamentos de grande intensidade em busca de resultados no esporte.

Assim, o trabalho busca identificar estas abordagens consideradas problemáticas em três períodos distintos dos Jogos Paralímpicos: Pequim 2008, Rio de Janeiro 2016 e Paris 2024. Como delimitação do material de estudo, foram selecionadas matérias dos períodos citados, apenas do portal *GloboEsporte.com*, um dos mais relevantes veículos de jornalismo esportivo digital no país. Para ainda mais delimitação, serão analisados textos relacionados à modalidade natação.

A natação é o segundo esporte em que o país mais conquistou medalhas, com 125 até os jogos de Paris, segundo dados do Comitê Paralímpico Brasileiro. Na edição realizada em 2024, o país conquistou 26 medalhas, sendo sete de ouro, nove de prata e 10 de bronze, o maior número de pódios conquistados em toda a história paralímpica nacional.

A opção pela natação também se deu pelo fato de figuras importantes no esporte, como Daniel Dias, maior medalhista masculino na história dos Jogos Paralímpicos, com 27 medalhas conquistadas entre Pequim 2008 e Tóquio 2021.

Além dele, destacam-se André Brasil, que subiu ao pódio 14 vezes entre os Jogos de 2008 e 2016; Clodoaldo Silva, participante de cinco edições paralímpicas, de Sidney 2000 ao Rio 2016 e, também, possui 14 medalhas na competição, sendo seis de ouro; e, por fim, Gabriel Araújo, o “Gabrielzinho”, que conquistou em sua história seis medalhas, sendo cinco de ouro e uma de prata. O nadador foi considerado um dos destaques da edição de Paris.

Assim, foi analisado o discurso desta amostragem já citada. O trabalho teve como objetivo geral analisar se houve alguma mudança no discurso utilizado nestes períodos selecionados, considerando o intervalo entre 2008 e 2024.

Dentro dessa análise, foi possível detectar alguns dos principais problemas que a mídia digital demonstrou ao abordar esses atletas. Não foram detectados apenas termos que transmitissem ideias problemáticas, mas também formas de reportagens que, por algum motivo, desvalorizavam a pessoa com deficiência enquanto atleta principalmente. Assim, ao elucidar estas questões, também quisemos destacar como é possível construir textos de forma mais inclusiva e menos preconceituosa.

Este trabalho de conclusão de curso, além desta introdução, é composto por mais quatro seções. No capítulo dois procuramos demonstrar como surgiu o jornalismo especializado no Brasil e o surgimento do Jornalismo Esportivo, além de explicitar o que é o Jornalismo Esportivo e suas vertentes. Já o terceiro capítulo foi reservado para compreender a origem dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Paralímpicos, além de demonstrar a correlação entre esses Jogos e como são desenvolvidas suas classificações.

No quarto capítulo, foi discutido como o atleta paralímpico é tratado na mídia de forma geral. A partir disso, foi trazido o conceito de análise do discurso de dois autores. Assim, foi possível observar os discursos presentes nas reportagens e representações dos atletas paralímpicos no Brasil. Após isso, foram realizadas as considerações acerca dos resultados da análise.

2 JORNALISMO ESPORTIVO, O INÍCIO E ESPECIALIZAÇÃO

Antes de discutir o jornalismo digital e os portais jornalísticos esportivos, especificamente de como o discurso presente nestes retratam as Paralimpíadas, é necessário, a priori, realizar uma abordagem sobre o surgimento do jornalismo especializado, com foco no esportivo, tanto nas seções específicas dentro de veículos de comunicação, quanto nos produtos específicos criados para determinada área.

O jornalismo especializado pode ser caracterizado como a informação direcionada a públicos específicos, com a cobertura de assuntos também especializados (Bahia, 1990). Esse tipo de jornalismo pode ser encontrado de diversas formas. A primeira maneira de perceber sua presença é nas seções de veículos de comunicação destinadas a um assunto específico, com uma linguagem e públicos restritos.

O jornalismo Especializado é uma necessidade social porque resulta do próprio desenvolvimento das relações em sociedade. É uma técnica de tratamento da notícia que se aperfeiçoa paralelamente à evolução dos meios de produção, das tecnologias industriais e comerciais, das aquisições culturais, das pesquisas e experiências científicas. (Bahia, 1990, p.235)

Portanto, é possível perceber como o jornalismo se torna cada vez mais especializado à medida que os meios de comunicação e suas formas evoluem. Diversas áreas surgem por conta desta evolução.

De acordo com Bahia (1990), os primeiros registros do jornalismo especializado no Brasil surgiram a partir de 1808, em que periódicos possuíam um caráter muito mais opinativo, com suas principais formas textuais sendo crônicas e ensaios ligados principalmente a política, distante das reportagens com tom objetivo que se encontram na contemporaneidade.

Segundo Bahia (1990), a partir de 1880, a crônica e o ensaio perdem seu local em detrimento da reportagem e da notícia, com uma forma mais objetiva e factual quando comparada às duas formas textuais anteriores. A partir de 1930, é possível perceber um tom mais empresarial nos jornais, e com as transformações nos meios de comunicação, como a chegada do rádio e, posteriormente, da televisão, estimularam ainda mais as especializações, com programas e seções específicas a determinados assuntos.

Dentre as especializações mais notórias do jornalismo, está o ramo esportivo, que possui evidente relevância na era moderna da profissão, com coberturas de diversas modalidades, além também de se caracterizar como uma das editorias que mais envolvem patrocínios comerciais, que estão inevitavelmente por trás de grandes eventos, além questões econômicas, sociais e políticas.

Em toda a parte, a cobertura de extenso leque de modalidades envolve crescentes tiragens de jornais e revistas, e transmissões de âmbito mundial de rádio e televisão. Nenhuma especialização – nem mesmo a religiosa – tem mais espaço e tempo nos veículos do que a esportiva (Bahia, 1990, p.245)

De acordo com Bahia (1990), os primeiros relatos sobre notícias relacionadas ao esporte no Brasil datam de 1856, com o periódico *O atleta*. O periódico visava informar sobre práticas esportivas aos cariocas. Trinta anos depois, já existiam mais dois jornais com essa temática, sendo eles *Sport* e *Sportman*, mais focados nas questões físicas e mentais do esporte.

Nesse sentido, Coelho (2003) destaca o jornal *Fanfulla*, como um dos primeiros a dar espaço ao esporte, em 1910, mais precisamente ao futebol. Focado principalmente em equipes amadoras italianas, colônia essa que se tornava cada vez mais numerosa no Brasil principalmente na cidade de São Paulo e veio a fundar equipes futebolísticas profissionais no futuro.

Vale ressaltar que o conteúdo citado ainda não possuía as características das notícias esportivas atuais, mais semelhantes a relatos do que a notícias estruturadas como o que se tem no jornalismo dos dias de hoje, porém ainda são úteis como fonte de informação.

No entanto, para Bahia (1990), os jornais considerados mais relevantes da época só passam a ceder espaço ao esporte, especificamente ao futebol, em 1922. Dois anos depois, em 1924, a popularização do rádio afetou esta dinâmica. Com essa mudança, os jornais se desprendem de um estilo mais conservador, e passam a ter uma linguagem mais dinâmica.

Nos jornais impressos, o maior expoente do jornalismo esportivo na época, foi Mário Filho, jornalista que promoveu uma mudança na forma de comunicar esportes aos leitores desses periódicos. De acordo com Capraro (2011), citando Castro (1992), nos veículos de seu pai, Mário Rodrigues, Mário Filho introduziu nas seções de esporte uma linguagem sem o rebuscamento e elitismo do jornalismo esportivo inicial. Coelho (2003) ressalta como, tanto Mário Filho, quanto seu irmão Nelson Rodrigues, davam ao esporte um tom romântico em suas

crônicas. Segundo Silveira (2009), foi Mário Filho quem criou, em 1930, o Jornal dos *Sports*, primeiro periódico do país a tratar exclusivamente de esportes.

No fim da década de 1940 o Correio do povo, do sul do país, cria A Folha Esportiva, jornal focado em esportes que viria a durar até 1963. Em 1960 alguns outros grandes jornais passaram a dedicar seções para o esporte (Coelho, 2003). Muito influenciados pelo futebol e pelo título mundial da seleção brasileira em 1958. Silveira (2009) aponta para o Estadão como um destes jornais solidificados que passou a ter uma seção de esportes.

A autora também chama atenção para outros periódicos que passaram a existir na época, todos com tema principal no esporte. Sendo eles Caderno dos esportes, jornal de São Paulo e Revista do Esporte, do Rio de Janeiro. É válido ressaltar, que os textos esportivos da época ainda possuíam um tom dramático, tendo a crônica como gênero textual mais marcante.

Na década de 1970, esse estilo perde seu espaço, e os textos, segundo Silveira (2009), passaram a ser de um caráter mais objetivo. Coelho (2003), cita o surgimento da Revista Placar neste período, a primeira do país. O autor evidencia que a partir deste período o jornalismo esportivo teve um crescimento notável e que os veículos passam a ter nos anos 1990, em torno de 30 profissionais dedicados a editoria esportiva.

Além dos veículos impressos, pode-se destacar dois outros meios em que o jornalismo esportivo esteve presente. O rádio e a televisão. Para Silveira (2009), que busca embasamento em Dalpiaz (2002), a primeira transmissão esportiva radiofônica foi realizada em 1931, pela Rádio Educadora de São Paulo. Para Dalpiaz (2002), as transmissões antes de 1931 não passavam de boletins esportivos.

De acordo com Silveira (2009), na década de 1940 já eram vistas transmissões de partidas internacionais. Na década seguinte, já eram encontrados padrões nas transmissões, mesmo que em questões técnicas o rádio ainda fosse um pouco precarizado segundo a autora. Em 1958 pode-se destacar a transmissão da Copa do Mundo de 1958. Para Dalpiaz (2002), as equipes para coberturas de eventos esportivos passam a ser mais organizadas, com comentaristas e repórteres.

Nos anos 1970, Silveira (2009) aponta para Rádio Excelsior, que fazia parte da Globo, com suas transmissões de jogos importantes todos os domingos. Neste mesmo período a autora aponta para cerca de oito emissoras de rádio no Rio de Janeiro que competiam por audiência

em transmissões esportivas. A autora cita a rádio Pampa do Rio Grande do Sul como inovadora, visto que em 1999 propôs uma programação total voltada ao esporte.

Assim é possível chegar também na televisão, meio que por trazer imagens ganhou muito destaque. A TV teve sua primeira transmissão esportiva em 1950, na partida entre São Paulo e Palmeiras, pela TV Tupi, segundo Silveira (2009). Porém, o grande destaque da época em termos de transmissões televisivas de esporte foi a TV Record, com o programa Mesa redonda.

Em 1970 a principal questão em relação ao jornalismo esportivo televisivo estava ligada a transmissão da Copa do Mundo, realizada no México e vencida pela seleção brasileira. Esta foi a primeira vez que o torneio foi transmitido na televisão, sendo até a edição de 1966, restrita ao rádio.

Coelho (2003) indica a TV Globo como uma das grandes potências em termos de transmissões televisivas, que possuía direitos de competições como o Campeonato Brasileiro desde 1995. Porém antes disso, o autor cita além da Record, a Bandeirantes, que tinha como *slogan* “O Canal do Esporte”, e teve os direitos de transmissão do campeonato brasileiro de 1986 a 1993.

Esse domínio, apontado por Coelho (2003), da TV Globo em relação a seus concorrentes cresce entre o fim dos anos 1990 e início de 2000, em que o grupo compra os direitos de transmissão da Copa do Mundo de 1998 e também de 2002. Assim, além de transmitir, a emissora passa a poder controlar quanto tempo os lances serão cedidos às televisões concorrentes, para exibições em programas.

Neste contexto, é possível afirmar também como esta especialização do jornalismo sofreu com certo tipo de preconceito em seu início, segundo Coelho (2003), por não ser considerado de interesse suficiente para estampar páginas e seções de jornais, e que mesmo com uma evolução na percepção dos veículos, esta visão ainda existe.

Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. [...] Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? [...] A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. (Coelho, 2003, p. 7 e 9)

A aversão ao jornalismo esportivo como uma área séria da profissão pode ser compreendida por uma série de fatores, mas o que mais se destaca é a proximidade que esta área tem das

paixões, sejam elas por determinada equipe ou atleta. Conforme Unzelte (2012), como consequência, houve a normalização das opiniões e dos “achismos” em detrimento dos fatos, algo que não ocorre com tanta frequência em outras áreas jornalísticas.

É preciso relembrar que o jornalismo esportivo ainda é jornalismo, e, portanto, deve seguir os mesmos padrões de apuração e respeito aos fatos que qualquer área da profissão seguiria.

Os primeiros jornalistas esportivos foram escritores subjugados pela emoção da competição, pelos feitos dos atletas. Contudo, o aumento rápido da importância do esporte para o veículo e para público, acabou por incluí-lo como um gênero específico do jornalismo, ao lado da economia, política, religião. Para tanto, são necessárias pessoas capacitadas para descrever o que acontece nas competições e suas consequências. (Alcoba *apud* Silveira, 2009, p. 21)

Outra crítica visível ao jornalismo esportivo relatada por Coelho (2003) refere-se à organização das redações esportivas no país. Nessas redações, há uma nítida divisão entre jornalistas que cobrem futebol, dos que são responsáveis por outras modalidades. Dos especializados em futebol, ocasionalmente, podem ser escalados para outra modalidade. Já os jornalistas que não atuam diretamente com futebol acabam sendo tratados como generalistas, sem se especializar de fato em nenhuma prática esportiva.

A Editoria de Esportes tem importância pela diversidade dos assuntos que aborda, nos setores profissional e amadorístico. Para cada especialidade recomenda-se um jornalista que entenda do assunto e que explique e comente a possibilidade dos concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições. (Erbolato, 1981, p. 15).

As diversas modalidades, que compõem o jornalismo esportivo, trazem complexidade à área, já que, em um mundo ideal, os profissionais deveriam se especializar em algumas modalidades. No entanto, mesmo que essa especialização em mais de uma modalidade acabe por ocorrer, o jornalista deve ter conhecimento e preparo suficiente para cobrir outras modalidades que não esteja completamente familiarizado.

Isto não quer dizer que não se possa especializar neste ou naquele esporte e conhecê-lo a fundo, o que, aliás, é desejável. Isso não livra ninguém de ter um conhecimento geral dos esportes mais populares. Os que não são conhecidos, merecem ser estudados. (Barbeiro; Rangel, 2006, p.34)

A escassez de especialização em esportes alternativos ao futebol no meio noticioso esportivo, acaba, em muitas ocasiões, resultando na inserção de ex-atletas no meio, como comentaristas ou analistas.

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO DIGITAL

Em termos de jornalismo na era digital, é notória uma certa dificuldade de adaptação inicial das empresas ao migrarem do jornalismo tradicional para a *web*. Muitas vezes, a *internet* era vista pelos veículos como apenas uma extensão de seu impresso. Ou então, houve também apenas uma transferência de conteúdos de um meio para o outro, minando todas as possibilidades que ela poderia proporcionar inicialmente para esses veículos (Alves, 2006).

Mas é justamente isto que tem havido de sobra no jornalismo digital desta primeira década: preguiça das empresas de apostar na Internet como um novo meio capaz de garantir sua sobrevivência numa era que se impõe de forma avassaladora. No fundo, o jornalismo digital tem sido muito tímido no que se refere à criatividade e à inovação. O medo de canibalizar o meio tradicional e a preocupação em obter lucros imediatos limitaram bastante o ímpeto inovador, mesmo quando os problemas iniciais de acesso (velocidade das conexões, por exemplo) foram sendo eliminados. (Alves, 2006. p.94)

Em 1994, de acordo com Coelho (2003), os grupos de comunicação Abril e Folha juntaram esforços para criar o portal *UOL*®. O fato de dois grandes grupos se interessarem em criar algo na *internet* prova que se enxergava um futuro neste meio.

Esta novidade resultou em uma alta migração de profissionais, no período de 1999 e 2000, dos meios tradicionais (impressos, do rádio e da TV), para o meio atual que acabara de surgir (Unzelte, 2012). A atração dos jornalistas para o novo meio se deu também por conta dos salários oferecidos, Coelho (2003) compara a situação da época, com negociações de contratos de jogadores de futebol, em uma escala menor.

Ainda segundo o autor, houve a falência de uma gama dessas primeiras empresas, motivada principalmente pela saída dos investidores

No início de 2001, com a fuga dos investidores iniciais, a euforia passou. Sucumbiram sites esportivos como a da PSN (empresa de TV a cabo criada para atingir o mercado de toda a América Latina, que também deixou de existir) da Sportsya, Netgol.com e Pelé.net (hoje incorporado ao UOL) (Unzelte, 2012. p. 66)

No entanto, o autor chama a atenção para o fato de que mesmo com esse contratempo inicial, juntamente com novas empresas, os veículos de jornalismo esportivo tradicionais se esforçaram para reorganizar suas dinâmicas e se inserirem neste novo meio. Foi então que muitos desses veículos montaram seus sites. Unzelte (2012) cita o exemplo do jornal *A Gazeta Esportiva*, fundada em São Paulo, em 1947, que em 2001 deixa de existir como periódico impresso e passa a operar apenas em seu portal na *internet*. “A estabilidade chegou em 2002. Quem tinha de continuar investindo continua até hoje. Quem não tinha, deixou a área. Mas o estrago foi

considerável” (Coelho, 2003, p.61).

Embora seja notória a evolução do jornalismo realizado em portais da *internet* que podem informar de forma mais veloz do que as mídias tradicionais, como o rádio e a televisão, a *internet*, como meio noticioso, carece de profundidade jornalística e apuração dos fatos (Barbeiro; Rangel, 2006).

Com isso, fatores essenciais para o jornalismo, como apuração e checagem dos fatos, podem perder importância para alguns profissionais, que se veem obrigados, pelas dinâmicas trabalhistas, a abandonarem conceitos fundamentais em detrimento de prazos para divulgação da informação.

Neste contexto, Coelho (2003) tece uma crítica não somente ao jornalismo esportivo, mas também à prática jornalística no meio digital, de maneira geral, que foi transformada com a chegada desse meio. Para o autor, o jornalismo passa a ser executado de forma muito mais rápida, em que aspectos básicos e essenciais da profissão são deixados de lado em detrimento da publicação da notícia o mais rápido possível, antes de seus concorrentes.

O jornalismo geral e todas as suas outras especializações sofreram mudanças com a inserção da *internet*, um novo meio que alterou as dinâmicas do trabalho jornalístico. A mudança mais significativa imposta pela chegada deste novo meio no jornalismo foram, segundo Coelho (2003), as questões de velocidade de publicação das informações. Há uma corrida em redações de portais jornalísticos pelo furo, por ser o primeiro a noticiar fatos, que embora já ocorresse em alguns casos nos jornais impressos por exemplo, é intensificado com o advento da *internet*.

O autor utiliza o exemplo dos anos 2000, em que era algo corriqueiro que uma notícia fosse dividida em diversas notas, o que gerava uma série de títulos e, consequentemente, uma impressão aos investidores de que seu portal havia sido mais rápido na divulgação dos fatos. “Cada segundo no ar antes do concorrente valia também um elogio. Não importava sequer que a precisão da informação ficasse em segundo plano. Se fosse preciso, nova nota entraria ficasse em segundo plano” (Coelho, 2003, p. 62).

Para o autor, essa questão ainda pode gerar impacto a futuros jornalistas que venham a se empregar em portais noticiosos na *internet*, onde há falta de zelo com a informação em detrimento do tempo de postagem.

Mesmo assim, Unzelte (2012) destaca que alguns portais noticiosos buscam caminhos alternativos em seu conteúdo, dando espaço para reportagens especiais, mais ligadas aos detalhes, e para colunistas especializados.

O autor também aponta o surgimento do portal *GloboEsporte.com*® (GE), que será objeto deste estudo. Ele surgiu como um esforço inicial do grupo *Globo*® após perceber as movimentações em relação a este novo meio. Também aponta para o surgimento do portal da *Gazeta Esportiva*®, que, com a popularização deste, aboliu suas publicações impressas, deixando apenas seu portal digital. Sobre o *GloboEsporte.com*® (GE), Unzelte trouxe uma pesquisa para citar a relevância do portal.

Segundo pesquisa Ibope/Nielsen Netratings realizada no primeiro trimestre de 2008, trata-se atualmente do maior portal esportivo da Internet brasileira, em primeiro lugar em audiência e também onde as pessoas permanecem navegando por mais tempo. (Unzelte, 2012, p.66)

O portal GE.Globo.com surgiu em 2003, com o nome de *Esportesnaglobo.com.br*, sendo renomeado para o nome atual em 2005. Embora seja um portal focado em modalidades esportivas em geral, o site, desde seu princípio, teve alguns diferenciais ligados ao futebol, como as *homepages* específicas de times futebolísticos, que podiam ser acessadas a partir do escudo dos mesmos.

O portal possui uma equipe própria e para criação do projeto foi necessária uma junção de profissionais do jornalismo da TV Globo e *Globo.com*, empresas pertencentes ao grupo Globo. Além de possuir também redações em todos os estados do país. De acordo com a própria seção institucional do portal, o GE assumiu a liderança de audiência de portais esportivos no ano de 2007 e atingia, em 2022, uma média de 35 milhões de usuários por mês, segundo a Comscore, empresa americana de medição de acesso e audiência.

O fato é que a chegada e evolução da *internet* foi um dos fatores que contribui para um crescimento do jornalismo especializado. Leitores e espectadores passaram a procurar uma experiência cada vez mais personalizada e menos generalista, buscando um conteúdo segmentado, especializado naquilo em que têm interesse.

A aceitação das produções segmentadas indica que os indivíduos necessitam encontrar um fator de união e de identificação entre si. O que pode ser conseguido através da partilha de interesses com o segmento que busca o mesmo tipo de informação (Abiahy, 2000, p.4)

A *internet* proporciona um espaço amplo para diversos assuntos, no caso do esporte, para diversas modalidades, principalmente pelo fato de que não há uma limitação quanto ao espaço a ser utilizado. Na televisão e no rádio, o tempo de programa limita o que será abordado, em veículos impressos, o espaço na folha delimita o que será publicado. Já neste novo meio, o espaço é ilimitado. Há, no entanto, conforme destacado por Coelho (2003) anteriormente, uma carência de profissionais que se especializem ou estudem o suficiente para comentar com propriedade diversas modalidades, no caso do jornalismo esportivo em específico.

Outra questão que a *internet* traz ao jornalismo é uma maior interatividade com seu público, que pode dar seu parecer em relação ao conteúdo publicado, se aquilo foi ou não relevante. A partir disso, portais podem traçar perfis do seu público e assim conhecer seus gostos e interesses, a fim de publicar aquilo que realmente será consumido.

3 JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS

Passada a discussão a respeito da formação do jornalismo esportivo como especialidade, da formação do jornalismo digital e do jornalismo esportivo neste meio, é relevante então compreender a história que compõe, tanto as Olimpíadas, como as Paralimpíadas que é parte do objeto de estudo deste trabalho.

As Olimpíadas e Paralimpíadas podem ser consideradas as maiores competições esportivas do planeta. As últimas edições de ambos os torneios, realizados em Paris no ano de 2024, reuniram, respectivamente, 10.500 e 4.400 atletas. Além disso, a ocasião contemplou diversas modalidades, sendo 48 modalidades olímpicas e 22 paralímpicas.

Nem sempre as competições tiveram espaço para os atletas com deficiência. Na Grécia, onde se deu o início dos jogos, há cerca de 2500 anos, as competições eram diferentes da era moderna. De acordo com Tavares (2017), que traz o pensamento de Kessous (2012). Nestes jogos que possuem pouca semelhança com as Olimpíadas atuais, os participantes visavam vencer para conseguir destaque em relação aos seus Deuses.

A autora revela que as primeiras 16 edições olímpicas foram realizadas como uma forma de homenagem fúnebre, mas não obtiveram sequência após a invasão do povo dórico ao território da Grécia. A fase subsequente a este período inicial foi marcada por jogos que possuíam o intuito de paralisar estes conflitos bélicos que a região estava inserida.

Em 776 a.C., Tavares (2017) aponta para uma nova fase dos Jogos Olímpicos, que ocorreu em um período de paz na região da Grécia. Esta etapa das olimpíadas foi nomeada de Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, e ainda havia um caráter primitivo em relação ao que é visto atualmente. Uma das semelhanças notórias que pode ser destacada é a realização do torneio no período de quatro em quatro anos.

No entanto, a autora aponta que, no que se trata de modalidades, a primeira edição na antiguidade só possuía uma: a prova de corrida. Com o decorrer das edições o número de esportes praticados aumentou, embora fossem diferentes das tradicionais vistas nas edições modernas do evento. Dentre as formas de esportes praticados naquelas edições, podem-se destacar formas de lutas, corridas e lançamentos de disco.

Esta fase dos jogos olímpicos, segundo Tavares (2017), durou até sua proibição por parte de Teodósio I, imperador romano da época, já que a Grécia vivia sob dominação romana.

A tradição Olímpica fica adormecida por mais de mil anos após este encerramento dos jogos por parte do líder romano.

De acordo com Rubio (2010), foi em 1894 que o então educador francês, Barão Pierre de Coubertin, inspirado nas tradições olímpicas gregas e buscando reascendê-las, principalmente entre os jovens, traz à tona a primeira ideia de retorno desta competição, em um congresso realizado na Universidade de Sorbonne, em Paris.

A recuperação de valores olímpicos pelo educador francês não é uma surpresa, já que, para Rubio (2002), um dos pilares do sistema educativo da Grécia Antiga era a educação física; o esporte era essencial para a prática educacional. Para o educador, o esporte era um ponto para equilíbrio entre bons aspectos físicos, mas também mentais, julgamento que pode ser explicado pela formação humanista do Barão.

Esta série de valores, que servem como alicerce dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, compõe o que pode ser caracterizado, segundo Tavares *et al.* (2005), como “Olimpismo”, termo cunhado e utilizado pelo Barão de Coubertin e está reunido na Carta Olímpica, documento redigido pelo próprio idealizador do torneio.

O estatuto do Comitê Olímpico Internacional-COI (Carta Olímpica) define o Olimpismo como uma “filosofia de vida” que combina esporte com cultura e educação tendo como objetivo colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmônico do ser humano. Estudos acadêmicos datados da década de 1970 em diante, principalmente, têm definido, com algumas variações, o Olimpismo como uma filosofia, a proposta de uma antropologia filosófica ou uma ideologia de prática esportiva. (Tavares *et al.*, 2005. p. 01)

Além disso, para Tavares (2017), de acordo com o pensamento de Kessous (2012), outro fator que influenciava o Barão Pierre de Coubertin a trazer de volta a ideia dos Jogos Olímpicos era a intenção de fomentar valores e sentimentos patrióticos, já que o educador e a população francesa haviam vivenciado derrotas recentes do país em conflitos bélicos.

A autora aponta ainda, que em 1894, é criado o Comitê Olímpico Internacional (COI), com o objetivo de selecionar quais seriam as modalidades que integrariam o torneio, além de cuidar de todas as questões legais relativas aos esportistas. O órgão também visava unificar as regras desses esportes. Para compor o comitê, foram integrados representantes de diversos países.

Dois anos após a proposição do Barão de Coubertin, realiza-se então a primeira Olimpíada da chamada Era Moderna: os Jogos de Atenas, em 1896, como uma homenagem ao

berço do Olimpismo e dos valores da competição. A princípio, o retorno dos Jogos Olímpicos havia sido proposto para o ano de 1900, com realização prevista para a capital francesa; porém, houve uma antecipação de quatro anos em relação à ideia inicial.

As primeiras edições desta nova era dos Jogos Olímpicos foram marcadas pelo amadorismo. Para Rubio (2002), a ideia defendida pelo Barão, membro da burguesia francesa, está ligada à manutenção do esporte como prática da aristocracia, e todos aqueles que porventura não pudessem ter o esporte como uma atividade de lazer, não deveriam realizá-lo.

Nessa questão, a autora aponta a intenção de manter a competição em disputa por atletas amadores, tanto que há punições para esportistas que por alguma forma recebessem certo tipo de remuneração pela prática do esporte. Atletas eram inclusive banidos de disputarem o torneio caso fosse descoberto o recebimento de dinheiro.

Embora existisse essa proibição em relação ao pagamento de atletas, muitos deles eram remunerados por seus países para competir, mesmo que a prática fosse de fato proibida. A ideia do amadorismo perdurou, de acordo com Tavares (2017) até os anos 1980, em que o COI, visando uma maior mercantilização de seu produto, abriu espaço aos atletas profissionais.

Embora os jogos tenham um princípio baseado na união de povos e o desenvolvimento humano por meio do esporte, os Jogos Olímpicos podem receber determinadas críticas já que em certos momentos da história do torneio, não há aplicação concreta desses conceitos utilizados como base de sua formação.

A aceitação de negros e mulheres não ocorreu de forma imediata, como relata Tavares (2017). Em 1904, na Olimpíada sediada em *St. Louis*, nos EUA, há o primeiro registro de negros competindo nas olimpíadas. Porém, a participação não foi nem ao menos intencional e foi além disso, foi ridicularizada pelo público da época. Tratava-se de dois membros da tribo Zulu, localizada na África do Sul, que estavam na cidade com um intuito diferente das Olimpíadas. Ambos participaram sem calçados da maratona e foram tratados com tom de humilhação. É apenas em 1908, nas Olimpíadas realizadas em Londres, que a participação dos negros é levada em conta, com John Taylor, o primeiro negro a ser campeão olímpico, na prova dos 1.600 metros no revezamento misto.

Quanto as mulheres neste torneio, de acordo com Oliveira; Cherem e Tubino (2009), os primeiros registros que se tem em relação a participação de mulheres nas Olimpíadas foram na

edição de 1900, realizada em Paris, com a inclusão do golfe e tênis femininos, com números de atletas que variam segundo os autores, entre 16 e 17 competidoras.

Os autores apontam também ao fato de que a primeira campeã Olímpica, Charlotte Cooper da Inglaterra, no Tênis, não recebeu sua medalha, visto que a modalidade não era contemplada com premiação. A atleta era surda, um dos poucos registros de pessoas com deficiência no esporte olímpico, antes do movimento precursor das paralimpíadas.

Na edição de 1908, em Londres, há um salto em relação ao número de participantes mulheres segundo os autores. Foram encontradas competidoras nas modalidades de tênis, patinação no gelo e arco e flecha. Se tratando de atletas brasileiras, pode-se destacar a nadadora Maria Lenke na edição de Los Angeles 1932. De acordo com Fraga (2024), Lenke foi a primeira mulher sul-americana a participar do torneio e a primeira e única mulher na delegação brasileira da edição de 1932

É também notória uma separação dos valores básicos e iniciais do torneio, na edição sediada na Alemanha nazista, em 1936, na cidade de Berlim, a qual foi utilizada como meio de propaganda para o regime e seus ideais racistas e antisemitas. Além disso, embora atualmente o torneio conte com a participação de atletas homens e mulheres, e de todos os continentes, ainda não houve edições em todos os continentes, sendo a África o único que ainda não sediou os Jogos Olímpicos.

3.1 BRASIL NAS OLIMPÍADAS

A primeira participação do Brasil nas Olimpíadas, segundo Tavares (2017) ocorreu na edição de 1920, realizada na Antuérpia, província localizada na Bélgica, tempo considerável após a primeira edição dos Jogos. O Brasil conquistou três medalhas nesta primeira edição, sendo uma delas de ouro, em cinco modalidades disputadas. Para a ocasião foram enviados 22 atletas, todos homens.

A autora relata que o primeiro atleta a ser campeão olímpico representando o Brasil foi Guilherme Paraense, no tiro rápido masculino. Guilherme era membro do Fluminense e também tenente do Exército Brasileiro, a prata veio de Afrânia da Costa no Tiro esportivo. Já o Bronze foi conquistado no Tiro por equipes. Na edição de 1924 o Brasil não foi ao pódio, em 1928 o país não enviou representantes e nas duas próximas edições, 1932 e 1936 também não conquistou nenhuma medalha.

Nesse contexto, Fraga (2024) cita, que os jogos da sequência de 1940 foram cancelados em virtude da segunda guerra mundial. Porém o Brasil poderia ter feito história, já que um dos nomes do país para a disputa do torneio era a nadadora Maria Lenk. A nadadora quebrou os recordes dos 200m e 400m nado peito em 1939, durante a preparação para os jogos.

Ainda segundo o autor, a primeira medalha do país em esportes coletivos chega com o bronze no basquete, em 1948, após vitória sob a seleção mexicana. Além de Lenk, um dos primeiros grandes nomes individuais do país no torneio foi Adhemar Ferreira da Silva, que quebrou um jejum de 32 anos sem medalha de ouro para o Brasil e bateu recordes no salto triplo nas Olimpíadas de *Helsinki*, em 1952. Adhemar também foi o primeiro esportista sul-americano a ser bicampeão em modalidade individual na olimpíada seguinte, em 1956.

3.2 HISTÓRIA DOS JOGOS PARALÍMPICOS

A primeira edição das Paralimpíadas ocorreu, segundo Tavares (2017), sessenta e quatro anos depois dos primeiros Jogos Olímpicos, em 1960. Realizada em Roma, na Itália, logo após a realização das Olimpíadas, no mesmo ano, utilizando os mesmos espaços da competição, reunindo 400 atletas de 23 países.

Porém, de acordo com Gold e Gold (2007), o esporte para pessoas com deficiência tem seu princípio em 1888, em Berlim, na Alemanha, quando foi idealizado o *Club For de Deaf* pela comunidade surda da época. Em 1924, federações nacionais para esportistas surdos já eram localizadas em diversas partes da Europa. É neste ano que ocorre também os primeiros Jogos Internacionais do Silêncio, em Paris. Seis países, sendo eles, França, Bélgica, Checoslováquia, Grã-Bretanha, Holanda e Polônia, mandaram 140 representantes para a ocasião.

Mesmo com reconhecimento desta competição, que viria a ter periodicidade de quatro em quatro anos, pelo COI, ainda segundo Gold e Gold (2007), essa ação não fazia parte do movimento precursor dos Jogos Paralímpicos. E é válido ressaltar que a surdez não está inserida no contexto dos jogos paralímpicos.

Segundo os autores, o movimento que dá origem aos Jogos Paralímpicos data-se do ano de 1948, em *Stoke Mandeville*, na Inglaterra, denominado Jogos de *Stoke Mandeville*. Se para as Olimpíadas a figura de criador está centrada no Barão de Coubertin, para os Jogos Paralímpicos este símbolo é destinado a Ludwig Gutmann, neurocirurgião judeu, que chegou à Inglaterra após fugir do regime nazista. Gutmann se tornaria então o diretor do Centro Nacional

de Lesões na coluna vertebral no hospital de *Stoke Mandeville*.

De acordo com Gold e Gold (2007), para Gutmann, a paraplegia era uma das áreas mais negligenciadas em torno dos profissionais de saúde, gerando uma dificuldade em encontrar especialistas para tratar desses pacientes. Gutmann foi responsável por alterar a abordagem do cuidado em relação às pessoas paraplégicas, grande parte ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, que na época tinham baixas chances de sobrevivência, ou permaneceriam hospitalizadas de forma permanente.

Assim, Gold e Gold (2007) evidenciam algumas práticas instituídas pelo neurocirurgião, como a movimentação dos pacientes a cada duas horas e também uma melhor higiene com o intuito de prevenir complicações. Porém, a principal mudança para estas pessoas, com a chegada de Gutmann ao hospital, foi a implementação de atividades recreativas, sendo a prática de esportes uma delas.

De certo modo, o médico acreditava que o esporte poderia, não somente, trazer a esses pacientes uma forma de melhorar seu estado de saúde, auxiliando, por exemplo, força e coordenação, mas também dar um propósito a essas pessoas.

Em essência, Gutmann acreditava que o esporte fosse um caminho que ajudaria até mesmo as pessoas com lesões mais severas, a viver uma vida mais saudável e feliz, ganhando confiança e autoestima para ganhar um nível de independência. (Gold; Gold. 2007. p.134).

Foi a partir disso que o neurocirurgião criou a ideia de um torneio direcionado às pessoas com paraplegia. Os Jogos de *Stoke Mandeville*, como ficou conhecido o torneio, ocorreram no dia 28 de julho de 1948 e reuniram 16 veteranos de Guerra com lesões na medula espinhal. Segundo Gold e Gold, a data coincidiu com o dia da abertura das Olimpíadas de Londres de 1948. No ano seguinte, a cidade inglesa de *Stoke Mandeville* sediou outra competição, desta vez com cerca de setenta participantes, o que mostrava o crescimento do esporte para pessoas com deficiência.

Segundo Gold e Gold (2007), quatro anos depois da sua primeira edição, os jogos ganharam um caráter internacional, já que em 1952 veteranos de guerra da Holanda se dirigiram à Inglaterra para competir. Essa movimentação permaneceu nos anos subsequentes, e indivíduos de diversas partes da Europa viajaram para participar dos jogos. Os jogos não ficaram restritos a europeus, e, do período de 1953 a 1955 já eram registrados times dos EUA e Canadá, além da inserção de atletas da Austrália, no ano de 1957.

De acordo com Gold e Gold (2007), no ano de 1956, Ludwig Gutmann foi homenageado pelo COI durante as Olimpíadas de *Melbourne*, na Austrália, justamente pelos valores olímpicos que levavam o torneio criado pelo médico. Porém, a primeira edição das Paralimpíadas de fato, ocorreu, como já citado, em 1960 na cidade de Roma, Itália, logo após a finalização dos Jogos Olímpicos do mesmo ano.

Segundo o site Olympics.com, portal oficial das Olimpíadas, que também possui dados sobre as Paralimpíadas, realizados de quatro em quatro anos, os Jogos Paralímpicos, ocorreram na mesma sede das Olimpíadas até a edição seguinte, nos jogos de Tóquio em 1964. O torneio só viria a ser realizado na mesma sede que as Olimpíadas novamente no ano de 1988, edição que ocorreu na cidade de *Seul*, na Coreia do Sul. Em 1976, são realizados também os primeiros Jogos Paralímpicos de inverno, na Suécia. Competição que reúne modalidades disputadas no gelo e na neve.

Neste sentido, em 2001, o COI e o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) entraram em um acordo para que a candidatura para cidade-sede por um país fosse para ambas as competições. Assim, uma cidade que desejasse sediar as Olimpíadas deveria não somente sediar as Paralimpíadas, como também estar preparada para receber seus participantes. Portanto, desde os jogos realizados em 2002, atletas olímpicos e paralímpicos frequentam os mesmos espaços, inclusive a mesma vila olímpica.

3.3 BRASIL NAS PARALIMPÍADAS

A participação da delegação brasileira aconteceu pela primeira vez em 1972, em Heidelberg, Alemanha.. O primeiro pódio de uma relevante trajetória do país no esporte paralímpico veio na edição seguinte, realizada em Toronto, 1976, com os atletas Luís Carlos da Costa e Robson Sampaio, na modalidade *lawn bowls*, semelhante à bocha e que já não faz parte do quadro de modalidades do torneio. Segundo Mello e Winckler (2012), ao todo, o país enviou ao torneio 23 esportistas e também suas duas primeiras representantes mulheres.

De acordo com Bazi e Batajelo (2018), um ano antes do primeiro pódio, em 1975, foi criada a Associação Nacional de Desportos de Excepcionais (ANDE), fundação imposta pela Federação dos Jogos Internacionais de *Stoke Mandeville*. A criação deste órgão fomentaria, no futuro, o desenvolvimento do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), cerca de 20 anos depois da criação da ANDE.

Na edição de 1984, realizada em *Stoke Mandeville* e Nova Iorque, o Brasil subiu ao pódio máximo pela primeira vez, conquistando sete ouros. Todas as 28 medalhas conquistadas na ocasião foram do atletismo e natação.

A referida edição, de acordo com Gold e Gold (2007), deveria ter, além da cidade de Nova Iorque como sede, a Universidade de Illinois, porém, por falta de investimentos, a universidade se retirou, e parte dos jogos foram enviados à Inglaterra, mais precisamente em um dos berços do esporte paralímpico, *Stoke Mandeville*.

Embora a relevância do nosso país seja notória dentro do esporte de pessoas com deficiência, só houve, de fato, a criação do CPB em 1995, 23 anos depois da primeira participação de atletas da nação em uma Paralimpíada. O surgimento deste órgão que regulariza o paradesporto brasileiro, de acordo com Mello e Winckler (2012), tem uma influência em uma evolução do país em termos de resultados na competição.

A edição de Atenas, Grécia 2004, uma volta ao berço do olimpismo, trouxe grande destaque ao Brasil. Já que, segundo Vieira (2024), na ocasião, o país levou no total 96 atletas e subiu ao pódio mais de 30 vezes, quebrando um recorde, ficando também entre os 15 países que mais tiveram ouros. É a partir dessa edição que alguns dos principais nomes do paradesporto brasileiro passam a ter certa relevância. Pode-se destacar o nadador Clodoaldo Silva, dono de seis medalhas de ouro na edição grega.

Em 2008 em Pequim, China segundo Vieira (2024) outro nome muito relevante para o esporte brasileiro em geral, ganhou notoriedade. Trata-se de Daniel Dias, nadador que conquistou quatro ouros, quatro pratas e um bronze. Além dele, pode ser citado também André Brasil, que também foi peça marcante do time brasileiro nas piscinas chinesas, conquistando quatro medalhas douradas e uma prata.

Em 2016, os Jogos Paralímpicos Brasil, mais precisamente a cidade do Rio de Janeiro. No torneio paralímpico, foram enviados um total de 285 esportistas. Foram conquistadas 72 medalhas, recorde que viria a ser batido em edições futuras, sendo 14 de ouro.

O Brasil pode ser considerado uma potência em termos de resultados nas Paralimpíadas. Porém, o país demorou a se inserir neste contexto, tendo sua primeira participação apenas na quarta edição do torneio. Nas 14 participações, de 1972 a 2024, o país conquistou 462 medalhas na história das Paralimpíadas, sendo 134 ouros, 158 pratas e 170 bronzes (Del Manto, 2024). A

melhor edição do país no evento foi em 2024, em Paris, França na qual foram obtidas 89 medalhas, batendo o recorde de 72 das edições de Tóquio, Japão e Rio de Janeiro.

Fato é que, enquanto o Brasil obtinha seus primeiros resultados nas Olimpíadas, a edição para pessoas com deficiência ainda não existia e só viria a ser consolidada anos depois. Mesmo assim, a nação figura entre as principais potências do esporte paralímpico.

3.4 CLASSIFICAÇÃO DOS ATLETAS PARALÍMPICOS

Ao contrário das Olimpíadas, as Paralimpíadas além das divisões entre diferentes modalidades, há uma série de categorias dentro dos próprios esportes, denominadas de Classificação Esportiva Paralímpica (CEP). De acordo com De Souza (2020), houve uma implementação nestas categorizações a fim de torná-las mais confiáveis, sendo que, a partir de 2015, essas classificações tiveram como base, para sua existência, critérios científicos.

A CEP é uma forma de categorização do esporte paralímpico. Com dois objetivos bem claros: verificar a elegibilidade do esporte em questão e alocar o atleta em uma classe para competir. Tendo ainda, como intuito tornar a competição o mais justa e igualitária possível. (De Souza, 2020, p. 20)

De Souza (2020) cita que os primórdios dessa categorização se dão ainda com Ludwig Gutmann, nos primeiros jogos de *Stoke Mandeville*. Ao notar que alguns atletas possuíam vantagem em relação a outros, o neurocirurgião criou uma espécie de categorização, fundamentada nos princípios da medicina, utilizando o grau da lesão como critério para separar atletas em determinadas categorias.

De acordo com o autor, por críticas às Olimpíadas de Seul em 1988, o COI percebeu a necessidade de mudanças nos critérios de categorização. Em 1992, para as Paralimpíadas de Barcelona, Espanha pesquisadores foram reunidos para mudança das categorizações, buscando se basear na ciência. Essa classificação ficou conhecida como Classificação Funcional. Como já mencionado, o sistema foi implementado anos depois, com intuito de dar mais embasamento para essas classificações.

Visto que cada esporte possui sua CEP própria, é possível analisar como são subdivididas as provas de natação nos Jogos Paralímpicos, modalidade escolhida como objeto deste estudo. Nas Olimpíadas, a natação é dividida em quatro formas de nado: nado livre, borboleta, costas e peito, além também do nado *Medley*, que reúne todos os nados em somente uma prova. A partir disso, as provas podem ser classificadas pela metragem a ser percorrida na

piscina, e também se são ou não em grupo, como é o caso das provas de revezamento.

Nas Paralimpíadas segue-se a sua própria CEP. Assim como nas Olimpíadas, há as mesmas formas de nado, com diferenças na largada das provas, dependendo da deficiência do atleta. Esse pode receber auxílio de membros da equipe. As categorizações da natação se iniciam com a letra S (*Swimming*) + número da classe do atleta (nado livre, costas e borboleta); ou SB (*Breast*) + número da classe do atleta ou SM (*Medley*) + classe do atleta para delimitar se o nado será peito ou *Medley*.

Além da denominação com a letra S, é possível perceber a classificação por meio de números, que são utilizados para demonstrar qual a forma de deficiência do atleta.

4 REPRESENTAÇÃO DOS ATLETAS PARALÍMPICOS NA MÍDIA

Passadas as discussões acerca do surgimento do jornalismo esportivo como forma de especialização, bem como da história das Olimpíadas e Paralimpíadas, é necessário entender como a mídia, de forma geral, retrata o atleta paralímpico, para então analisar o discurso utilizado na cobertura das competições paralímpicas de 2008, 2016 e 2024 acima por meio de reportagens do *GloboEsporte.com*

Embora o Brasil tenha obtido resultados relevantes desde que se inseriu nas Paralimpíadas, a mídia, não somente brasileira, mas também global, demonstra uma certa dificuldade na abordagem de atletas com deficiência.

A construção de uma verdadeira sociedade inclusiva passa também pelo cuidado com a linguagem. Na linguagem se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências (Sassaki, 2003, p.01)

Para Hilgemberg (2019), ao se analisar as representações e discursos utilizados pelos meios de comunicação em torno do esportista paralímpico, observa-se que a maneira como esses são retratados é irreal e estereotipada.

A autora cita estudos como Schell e Duncan (1999), Schantz e Gilbert (2001) e de Thomas e Smith (2003), todos com relação à cobertura impressa e televisiva de edições das Paralimpíadas. Hilgemberg (2019) aponta que tais estudos indicam que, em ambas as mídias, há uma retratação problemática frente ao atleta com deficiência.

Dentre os problemas destacados pela autora, está a forma de tratamento dado a estes esportistas como vítimas ou indivíduos que superaram sua própria natureza da deficiência para fazer parte de um torneio esportivo de grande relevância como as Paralimpíadas.

Muito frequentemente, os meios de comunicação representam as pessoas com deficiência em suas histórias e imagens, retratando-as como diferentes ou como pessoas que não se enquadram na sociedade. Dessa forma, as atitudes acerca destes indivíduos a partir das representações midiáticas podem se desenvolver em um misto de piedade e inspiração pelo enfrentamento. (Hilgemberg, 2019, p. 50)

A autora cita Schell e Duncan (1999), que abordam, principalmente, a visão de super-herói atribuída ao atleta paralímpico. Uma visão que é problemática por sugerir que todos os atletas com deficiência, para alcançar um objetivo no esporte devem realizar um esforço sobre-humano, quase como se fossem de fato um super-herói.

Quando não é retratado como super-herói a abordagem vai para o vitimismo, conforme ressalta Hilgemberg (2019). Segundo a autora, representar esses atletas como uma vítima de sua deficiência o objetifica, e faz com que ele seja visto apenas como uma personificação de sua deficiência. Hilgemberg (2019) aponta que, quando retratadas dessa maneira, geram no leitor ou telespectador, um sentimento de pena, já que este indivíduo teve que enfrentar um destino trágico, conforme a autora descreve.

No caso da primeira abordagem, a de uma superação sobre-humana, esta, segundo a autora, gera duas percepções. A primeira é a de que a deficiência se trata apenas de uma limitação que não somente pode, como deve ser superada. E a segunda percepção é que, se alguns indivíduos superam o limite de sua deficiência, todas as outras que não realizam o mesmo processo são rotuladas por preguiçosas ou desinteressadas.

Segundo Kama (*apud* Hilgemberg, 2019), esta essa abordagem está diretamente ligada a um modelo de representação da deficiência denominado de modelo médico. Nele a deficiência é tratada como um problema ou um obstáculo a ser superado. Nesse sentido, o modelo entende que a pessoa com deficiência deve ser tratada, para que ela possa ser inserida ou reinserida na sociedade.

Em contrapartida, há também o modelo social, que se contrapõe ao modelo médico de compreensão da pessoa com deficiência. Hilgemberg (2019) busca o conceito de autores como Thomas e Smith (2003) e Barnes *et al.* (1999), que definem que o modelo social retrata a pessoa com deficiência, como alguém submetido a uma série de repressões, tanto institucionais como culturais. Ou seja, a sociedade condiciona um mundo de difícil acesso para essas pessoas, limitando suas oportunidades. Neste modelo, uma série de fatores sociais são levados em consideração, como o ambiente familiar, local de residência e o mercado de trabalho.

Ainda assim, a autora faz questão de reforçar que, mesmo trazendo uma perspectiva diferente ao modelo médico, essa abordagem também estereotipa a pessoa com deficiência, ao reforçar novamente a ideia do super-herói, como alguém que supera todas as barreiras impostas e, assim, alcança o sucesso.

Essas visões acabam por influenciar o modo como a mídia retrata não apenas o atleta paralímpico, mas a pessoa com deficiência de maneira geral. Para Crespo (2000), a imagem construída pelas diversas mídias sobre esta pessoa, é irreal e incompleta, o que faz com que estes não se vejam representados.

Segundo DePauw e Gavron (*apud* Marques, 2010), a forma de abordar a pessoa com deficiência teve como principais alicerces o medo, a diferença e a superstição. O pensamento dos autores revela o fato de que pessoas com deficiência, desde a Antiguidade, eram tidas como portadores de algum tipo de mal internamente, sendo frequentemente perseguidos e eliminados.

Apenas amputações de guerra eram consideradas aceitáveis na Grécia e Roma antigas. No início do cristianismo, ainda havia uma tendência ao ato de esconder esses indivíduos. Para Cidade e Freitas (*apud* Marques, 2010), esse fato ainda está ligado à ideia de uma maldição imposta sobre esses indivíduos.

Essa visão da pessoa com deficiência como um todo perpetua também nas diversas mídias, e acaba por produzir uma série de termos e expressões inadequados. Como o passar dos anos, pode-se notar um esforço por parte de profissionais da mídia e órgãos relacionados a pessoas com deficiência, em prol da não utilização destas formas de abordagem.

Marques (2010) cita a terminologia “pessoa portadora de deficiência”, ou apenas “portador de deficiência”, trata-se de uma forma incorreta de tratamento dada a estes indivíduos, já que a deficiência não é algo que pode ser portado, como algum objeto. Ainda segundo o autor, em um simpósio realizado pela Federação Internacional de Atividade Física Adaptada (IFAPA), em 1999, recomenda o termo “pessoa com deficiência” como sendo a forma mais adequada de tratamento a estas pessoas, especialmente no contexto da atividade física.

O assunto também é abordado por Sassaki (2002). Segundo o referido autor, a partir de 1981, há a utilização do termo “pessoas deficientes”. Em seguida, o termo “pessoa portadora de deficiência” ganhou popularidade, sendo posteriormente reduzido a “portador de deficiência”. Contudo, ambos os termos foram substituídos, pois não eram adequados. O autor defende o uso do termo “pessoas com deficiência” como o mais correto para a abordagem.

Outro ponto a ser destacado, é como a maneira de se referir a pessoas sem deficiência, pode também se tornar problemática. Já que segundo Sassaki (2002), a mídia se refere a essas pessoas usando o termo “normal”, atrelado àqueles sem deficiência. Para o autor, essa atribuição de normalidade às pessoas sem deficiência, decorre de preconceito e desinformação a respeito da pessoa com deficiência.

Segundo Marques (2010), os termos “atleta deficiente” e “para-atleta”, são

problemáticos, pois no caso dessa segunda terminologia, há o entendimento de que o indivíduo é quase um atleta. O autor sugere o uso de “atleta paralímpico” ou “atleta com deficiência”.

Frente às abordagens problemáticas da mídia ao se referir a atletas com deficiência, os professores Anthanasios Pappous da Universidade de Kent, e Doralice Lange de Souza da Universidade Federal do Paraná, elaboraram em conjunto um documento para ser utilizado como guia nas coberturas de competições paralímpicas. O documento, que contou com o apoio do CPB, foi lançado antes das Paralimpíadas do Rio 2016.

Segundo o documento elaborado por Pappous e Souza (2016) os atletas paralímpicos desejam ser, primeiramente, tratados como atletas, e que a deficiência deve ser abordada a posteriori, e não o contrário.

Os atletas paralímpicos, tal como os atletas olímpicos, passaram anos de sua vida se preparando para competições de alto rendimento. Portanto, merecem ser tratados como os seus colegas olímpicos. Ou seja, os mesmos devem ser tratados como atletas de alto-rendimento, nem mais e nem menos do que eles. (Pappous; Souza, 2016 p.5)

Os autores também abordam a visão de sofrimento imposta às pessoas com deficiência, um olhar que está diretamente ligado a abordagem de vítima imposta pela mídia. Nesse contexto, Pappous e Souza (2016) evidenciam termos como “sofre de”, “vítima de” e “afligido por”, que transmitem a ideia de tragédia e de que estes indivíduos vivem em constante sofrimento.

Outro ponto relatado por Pappous e Souza (2016), é o fato de se referir ao agrupamento de atletas pela deficiência, ao invés de relatar agrupamentos de atletas pelo esporte que praticam, se referem a eles pela deficiência. Além disso, os autores evidenciam que é mais indicado dar prioridade aos feitos e conquistas dos atletas.

Assim, para Pappous e Souza (2016), alguns outros termos são listados como problemáticos e que devem ser evitados ou inutilizados, como “deficiente”, “aleijado”, “inválido” e “paralisado”. Os autores também alertam para expressões como “preso” ou “confinado a uma cadeira de rodas” que reforçam a ideia de vitimização.

Ambos os autores ainda abordam a questão das fotos publicadas nas matérias referentes aos Jogos Paralímpicos. Embora este não seja o objeto principal deste estudo, é importante ressaltar que também pode haver problemas em relação à cobertura fotográfica desses eventos.

Segundo Pappous e Souza (2016), a prioridade, em relação às fotos destes atletas, deve ser na captura de seus movimentos durante as provas. Imagens em que os esportistas sejam retratados em posições passivas, como parados, ou antes e depois de competições, devem ser evitadas. “Este tipo de foto, associada a fotos que enfatizam as suas deficiências não permitem que o público veja e aprecie a capacidade desses atletas. Prefira retratá-los em ação, dentro do contexto esportivo” (Pappous; Souza 2016, p.9).

Além disso, os autores demonstram que fotos que coloquem o atleta com deficiência em posição de isolamento ou tristeza devem ser evitadas, assim como imagens editadas de forma a não exibir a deficiência do atleta.

Após contextualizarmos a cobertura esportiva, os Jogos Paralímpicos, as normativas para termos corretos quanto a cobertura midiáticas de atletas paralímpicos, partimos para a análise do discurso de 18 reportagens publicadas no *ge.globo* durante as edições dos Jogos Paralímpicos de Pequim (2008), Rio de Janeiro (2016) e Paris (2024). Nosso objetivo foi verificar se a cobertura contou com termos e construções capacitistas e se houve uma evolução na abordagem destas matérias.

Para seleção das reportagens, foi criada uma planilha na plataforma *Microsoft Excel*®, contendo todas as matérias encontradas dos períodos já citados. Além disso, foi definido uma única modalidade como objeto de análise: natação, esporte no qual o Brasil possui relevância, tanto em questão de resultados (pódios) como em questão de atletas que recebiam mais espaço neste meio de comunicação.

A delimitação das matérias de apenas um esporte para serem analisadas, se justifica pelo fato de que, além da grande relevância da natação paralímpica, que revelou nomes como Daniel Dias e pelo número de medalhas conquistadas no esporte, mas também pois essa restrição, auxilia a ter um objeto de estudo mais controlado e específico.

A escolha do portal do *GloboEsporte.com* se deu por alguns fatores. O primeiro deles foi a relevância tanto do próprio site, que, como já foi citado nesse trabalho, além de ser uma das referências em termos de jornalismo esportivo na *internet*, estando inserido no contexto do grupo Globo de Comunicação, considerado um dos maiores conglomerado de Comunicação do país.

Outra questão que motivou a escolha desse portal, em detrimento de outros veículos de

notícia, foi o fato de que as matérias foram encontradas mais facilmente quando comparadas a outros portais de notícias esportivas na *internet*.

A partir da seleção de reportagens dos períodos citados, foi então realizada a busca de termos e expressões consideradas problemáticas no tratamento ao atleta paralímpico. Além disso, foi investigado também a construção de sentido das notícias, e então analisado o sentido e mensagem que se passou, tanto em relação ao atleta, quanto à competição.

Os períodos selecionados para análise foram escolhidos por alguns critérios. As Paralimpíadas de 2024 foram selecionadas, por se tratar da edição mais recente desta competição, portanto, há um grande número de reportagens e um fácil acesso a elas. Também foi determinante o fato de se tratar de uma cobertura recente, desta forma ficaria mais evidente se houve ou não uma evolução na forma como se deu a abordagem nas reportagens.

Os Jogos Paralímpicos de 2016, realizados na cidade do Rio de Janeiro, foram escolhidos pela popularidade e visibilidade que uma competição dessa magnitude trouxe ao nosso país por ser a sede. Já os jogos de Pequim 2008 justificam-se, principalmente, pelo fato de que foram a edição mais longínqua em que foi encontrado material suficiente para análise, no portal *ge.com*.

A escolha da modalidade natação como objeto de análise dentro do contexto dos Jogos Paralímpicos fundamenta-se por uma série de questões. A primeira delas de caráter pessoal, visto que é um dos esportes pela qual possuo afinidade. O segundo aspecto diz respeito à relevância dessa modalidade para o país dentro da competição.

A natação é o segundo esporte que mais trouxe medalhas para o país, com 125 até os jogos de Paris, segundo dados do Comitê Paralímpico Brasileiro. Na edição realizada em 2024 o país conquistou 26 medalhas, sendo sete ouros, nove pratas e 10 bronzes, o maior número de pódios conquistados no esporte na história.

A escolha pela natação também se deu pelo fato de figuras importantes no esporte, como Daniel Dias, maior medalhista masculino na história dos Jogos Paralímpicos. Ele conquistou 27 medalhas, de Pequim 2008 até Tóquio 2021. Além dele, André Brasil, que subiu ao pódio por 14 vezes entre os jogos de 2008 a 2016; Clodoaldo Silva, que participou de cinco edições, de Sidney 2000 ao Rio 2016 e que também possui 14 medalhas na competição, sendo seis de ouro; e, por fim, Gabriel Araújo, o “Gabrielzinho”, que conquistou em sua história seis

medalhas, sendo cinco de ouro e uma de prata, o nadador foi considerado um dos destaques da edição de Paris.

Mesmo que o atletismo seja o esporte em que o Brasil tenha conquistado mais pódios, a natação foi a modalidade escolhida pela menor diversidade de provas. Isso porque, por mais que na natação sejam realizadas quatro diferentes formas de nado (livre, costas, borboleta e peito), e todas as provas são direcionadas a formas específicas de deficiência dos atletas, no atletismo há uma diferença notável nas modalidades. Como por exemplo, há provas de pista, como as de velocidade (100m, 200m, 400m, revezamento 4x400m e 4x100m), e as de campo, que consistem em lançamentos de dardo, disco ou arremesso de peso, modalidades que por mais que se enquadrem dentro do atletismo, se diferem muito umas das outras.

Este trabalho conta com uma pesquisa qualitativa, já que, mesmo agrupando uma quantidade de materiais para serem analisados, não se preocupa em analisar números. Como pesquisa qualitativa, esta pesquisa se propõe a estudar principalmente interpretação dos dados coletados. “Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.” (Gil, 2008).

Para realização do trabalho, foi feita uma pesquisa documental no portal *Ge.com*, com o objetivo de selecionar matérias das edições e da modalidade escolhidas. A partir da coleta das reportagens, estas foram posicionadas em planilhas. Em sequência, foi realizada a filtragem nessas matérias, a fim de identificar termos, expressões e construções de sentido problemáticas frente ao atleta paralímpico.

Para análise foram escolhidas dezoito matérias, seis para cada um dos três períodos. estas reportagens foram selecionadas em um universo de 82 matérias no total, 27 para Pequim, 22 para Rio de Janeiro e 33 para Paris.

O número de seis matérias para análise foi escolhido pelo fato de que alguns períodos analisados não possuíam tantas reportagens problemáticas, portanto para uniformizar foi feita uma seleção de determinada quantidade de material. Além disso, foi percebido que muitos dos problemas encontrados, se tornavam repetitivos, portanto, ao escolher uma quantidade grande de matérias para análise, isso poderia tornar o trabalho repetitivo ao leitor.

Para o restante do trabalho, foi realizada pesquisa bibliográfica, que buscava, a priori, entender, a priori, o surgimento e consolidação do jornalismo esportivo como especialização da área, e ainda como seu desenvolvimento na *internet* para os dias atuais. Essa forma de pesquisa também se estendeu por meio de artigos e consultas no site oficial dos Jogos Paralímpicos, para compreender quais eram as origens dessa competição, e, assim, situar historicamente os Jogos. Por fim, a pesquisa bibliográfica também foi realizada para embasar a análise discursiva, que será abordada sob a ótica de dois autores, Cleudemar Alves Fernandes e Patrick Charaudeau.

4.1 ANÁLISE DO DISCURSO

Explicado o percurso metodológico por trás da construção desse trabalho, e partindo do pressuposto de que há, como já tratado, um problema na abordagem das mídias como um todo em relação ao atleta paralímpico, é possível, então, analisar o discurso presente nas matérias dos períodos e do portal selecionado. Porém, antes de adentrar as reportagens em si, é necessário entender do que se trata o discurso e sua análise. Esta análise será pautada nos pensamentos de dois autores Cleudemar Alves Fernandes e o francês Patrick Charaudeau.

O discurso para Fernandes (2008), é diferente do significado que se encontra em dicionários. Segundo o autor, ele vai além da língua, está situado em questões sociais, passa também pela formação sócio histórica dos indivíduos. Embora seja necessária a linguagem para existência do discurso, ele não se trata apenas da linguagem em si.

Fernandes (2008) traz à sua análise a divergência ou debate ideológico entre sujeitos de diferentes perspectivas acerca de uma temática. Nestas situações, o autor aborda como diferentes termos e palavras, irão despertar diferentes conceitos para grupos em oposição. “As escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema.” (Fernandes, 2008, p.13).

Uma mesma palavra também pode evocar diferentes sentidos, dependendo de qual é o local ideológico de quem propaga este termo. O sentido que a enunciação de um sujeito, ou seja, uma ideia construída através de questões sócio-históricas desse sujeito, varia justamente de acordo com este local em que ele está inserido.

Para Fernandes (2008), uma das questões essenciais ao se analisar um discurso é a

ideologia, sendo considerada uma característica própria do discurso. Aqui o autor traz novamente o embate entre sujeitos antagônicos, e a ideologia é o que marca qual é a posição do sujeito acerca de algo. “O que marca as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, caracterizando tais embates, é a ideologia, é a inscrição ideológica dos sujeitos em cena. Portanto, ideologia é imprescindível para a noção de discurso” (Fernandes, 2008, p. 16).

Fernandes (2008), também traz questões como sentido e enunciação como parte do discurso. O sentido é um efeito construído no encontro entre diferentes sujeitos de espaços socioideológicos distintos, que produzem e interpretam enunciados. O sentido também nega a concepção de que a ideia é imutável e de que palavras tenham significado intrínseco, sendo um efeito construído na enunciação de diferentes sujeitos, considerando que estes sujeitos, considerando que esses estão inseridos em espaços socioideológicos próprios. A enunciação é caracterizada como posição ideológica no ato de enunciar.

Nesta noção de transitoriedade ao discurso, é evidente que os discursos propagados ao longo da história sofrem mudanças, não sendo, portanto, fixos. Há uma série de fatores que fazem com que o discurso passe por transformações, ocorrendo essas mudanças pelas características históricas, sociais e políticas da natureza humana.

A história tem forte influência sob os discursos, o autor deixa claro como ela participa da produção de discursos. A formação e desaparecimento de determinados discursos passa pela ideia de transformações ocorridas no decorrer da história. Alguns termos são utilizados por determinados acontecimentos históricos, que possibilitaram seu uso em determinado contexto.

Neste sentido, ao tratarmos da abordagem em relação à pessoa com deficiência, o discurso usado para tratar estas pessoas passou por transformações ao longo dos anos. Como já abordado, se antes o uso de termos como “pessoa portadora de deficiência” não era entendido como um problema, houve uma mudança que percebe que este discurso, não é mais adequado, justamente pela ideia que carrega consigo de que a deficiência é algo que pode ser descartado.

Outra questão refere-se às abordagens de superação ou vitimistas sobre os atletas paralímpicos, por exemplo, que, por meio de palavras e construções de frases, constroem sentidos que estereotipam ou reforçam preconceitos em relação a essas pessoas. É neste sentido que pode ser abordada a visão de discurso para Fernandes (2008), já que o discurso vai além de apenas a linguagem e atua na construção da perspectiva dos indivíduos a determinado tema.

A outra vertente abordada neste trabalho acerca da análise discursiva é o pensamento do francês Patrick Charaudeau, na obra “Discurso das Mídias”. Aqui, as discussões acerca do discurso e das formações ideológicas são centralizadas na mídia. Para Charaudeau (2006), há uma relação entre a mídia e as pessoas que ela busca informar. Essa relação é caracterizada pelo autor como uma relação de poder, visto que a mídia possui a capacidade de transmitir a informação. Essa relação, de qualquer comunicação midiática, é pautada em dois atos: a produção e a recepção.

De acordo com Charaudeau (2006), o ato de informar, parte de alguém que detém o saber para alguém que não o possui, por meio da linguagem. Portanto, além de uma relação de poder, há uma responsabilidade por parte do jornalismo, não somente de informar, mas também pela forma como informar. Já que as mídias passam por um processo de selecionar o que será ou não informado ao público. "As mídias, ao selecionar as informações e apresentá-las como o que realmente aconteceu, impedem que outros acontecimentos cheguem ao conhecimento do cidadão." (Charaudeau, 2006. P. 139)

Para Charaudeau (2006), nesse processo descrito acima, a mídia tem papel fundamental na forma pela qual a informação chega ao receptor. Determinados discursos utilizados causarão diferentes efeitos nos indivíduos que recebem as mensagens. Assim, utilizar ou não certos termos e palavras é uma escolha da mídia, e essa escolha produzirá efeitos em quem recebe a informação. O uso de determinadas palavras não só constrói um sentido, como também apaga outro.

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas (Charaudeau, 2006, p.39)

Nesta relação de poder já citada, o autor aponta o público como refém das escolhas da mídia, visto que, como já citado, aquilo que chega ao receptor não é caracterizado como a realidade bruta, mas sim como uma parte dela. Assim, a mídia realiza uma seleção e uma interpretação dos fatos, o que limita como o público irá criar a própria percepção acerca da realidade.

4.1.1 O discurso nas Paralimpíadas de Pequim 2008

Para a análise, foram selecionadas reportagens que atendiam aos seguintes critérios: conter termos ou expressões preconceituosas que remetessem à imagem do herói ou vítima a respeito do atleta; apresentar foco exagerado na deficiência do atleta; e, por fim, matérias relacionadas a finais e/ou conquistas. Delimitamos um total de seis reportagens para cada período. Também foi analisado o tamanho da reportagem. Foram consideradas matérias curtas as que apresentavam até dez linhas; de 11 a 15, médias; e, acima de 16, reportagens longas.

Vale ressaltar que, para os três períodos, foram buscadas expressões consideradas mais problemáticas. Além disso, falas atribuídas aos atletas, mesmo que pudessem ser consideradas errôneas, não foram incluídas na análise, já que o discurso analisado é do profissional da comunicação que trabalhava ou prestava serviço para o portal.

Nesta edição dos Jogos Paralímpicos, o Brasil foi um dos destaques, conquistando 47 medalhas, sendo 16 de ouro, 14 de prata e 17 de bronze, números que colocaram o país entre as dez primeiras posições. Os jogos também foram palco do surgimento de nomes como Daniel Dias, um dos mais notórios atletas paralímpicos do país.

O primeiro ponto analisado quanto à cobertura do site em relação às Paralimpíadas de 2008 foi o tamanho das reportagens. Foi observado que, das seis matérias analisadas, duas foram consideradas curtas: reportagens publicadas em (APÓS NOVE [...] 2008), publicada em 19 de setembro de 2008 e na (EM PROVA [...] 2008), de oito de setembro de 2008, com oito e seis linhas, respectivamente; três consideradas médias: (LUCAS [...] 2008), publicada e 19 de setembro de 2008 (CLODOALDO SILVA [...] 2008), nove de setembro de 2008 e (ANDRÉ BRASIL [...] 2008), de 15 de setembro de 2008, com 11 até 15 linhas; e uma foi considerada longa (CLODOALDO [...] 2008), publicada em cinco de setembro de 2008, que mais de 16 linhas.

Sendo assim, pôde-se considerar que o recorte mostra uma prevalência de textos curtos e médios, sendo esse o único dos três períodos com pelo menos uma matéria curta. Em relação aos textos e à forma de escrita, observou-se uma abordagem mais objetiva e direta, principalmente quando as reportagens são direcionadas a tratar de resultados de provas.

Das seis matérias, três delas apresentavam imagens: duas dos atletas na piscina, em momento de competição, e uma do atleta em entrevista. Portanto, não foi identificado nenhum problema com as imagens, visto que elas não representavam o atleta paralímpico como inferior. Das outras três matérias, uma delas (APÓS NOVE [...] 2008) possuía foto, porém, por algum

problema técnico do site, que não é mais o endereço atual do GloboEsporte.com, a imagem não carregava. As outras duas, (LUCAS [...] 2008) e (CLODOALDO [...] 2008), não apresentavam imagens.

Nas matérias analisadas, dois atletas apareceram como protagonistas: Clodoaldo Silva, presente em duas reportagens, e Daniel Dias, citado também em duas. Além deles, André Brasil foi mencionado em uma. É válido ressaltar que, por critérios de seleção, nem todos os atletas foram contemplados na análise.

Havia, nesses materiais, pouco espaço dedicado a falar sobre a deficiência dos atletas, algo que, em 2016, por exemplo, foi frequente. Em 2008, apenas duas matérias analisadas incluíam sessões com o intuito de explicar qual a deficiência dos competidores, sendo apenas quatro linhas ao todo para a conceituação. São elas: (CLODOALDO SILVA [...] 2008) e (APÓS NOVE [...] 2008). O restante das matérias tiveram um foco completo em desempenho e resultado, principalmente em medalhas conquistadas. Em duas delas, (LUCAS [...] 2008) e (CLODOALDO [...] 2008), foram encontrados termos considerados problemáticos, sendo eles, “dificuldade” para se referir a deficiência e “superação”, para tratar da trajetória do esportista. As outras duas, (EM PROVA [...] 2008) e (ANDRÉ BRASIL [...] 2008), falavam diretamente da prova e do desempenho dos atletas, sem menções à deficiência ou uso de termos inadequados.

A mudança de classe de Clodoaldo foi foco de duas reportagens. Em (CLODOALDO [...] 2008), a reportagem trazia boa explicação da situação e ainda as classes da modalidade. Porém, no trecho: “Na natação paraolímpica, as classes vão de S1 a S10, sendo o 1 aplicado aos atletas com maior grau de dificuldade.” foi encontrado um problema.

No trecho acima, há o uso do termo “dificuldade” quase como sinônimo de deficiência. As categorias existem para adequar os atletas a competirem com outros esportistas que possuam a mesma deficiência, ou deficiências semelhantes. Sendo assim, dificuldade não era considerada um critério para essa avaliação. Além disso, o termo em questão evocava a ideia de vitimização do atleta paralímpico, como se sua própria existência fosse uma dificuldade a ser superada.

Outro termo problemático, foi encontrado em (LUCAS [...] 2008). Havia um relato de Daniel Dias e também de outro personagem, o atleta paralímpico Lucas Prado, sobre mais investimentos e menos preconceito ao esporte paralímpico. Embora seja da modalidade do

atletismo, Lucas foi citado aqui, por estar na mesma matéria do nadador Daniel Dias. Na reportagem, constava a seguinte frase: “E é esse poder de superação que Lucas Prado quer mostrar mais uma vez”, O termo “superação”, atrelado ao atleta paralímpico, remetia à ideia de superação do mesmo, a ideia do super-herói.

A reportagem (APÓS NOVE [...] 2008) fez uma retrospectiva da competição de Daniel Dias, um dos destaques do país no torneio. Nela foram citadas as medalhas e a história do atleta. Em apenas uma linha, sua deficiência foi mencionada. Embora o trabalho ainda vá apresentar como essa reafirmação da deficiência do atleta possa ser um problema, nesse caso, por se tratar de uma matéria sobre um esportista estreante e menos conhecido na época, não foi considerado algo grave.

Já a reportagem (CLODOALDO SILVA [...] 2008) também incluía a sessão destinada à deficiência do atleta. Trata-se de um pequeno espaço, utilizado para explicar possíveis desvantagens que ele poderia ter ao mudar de classe, não configurando, assim, uma parte desnecessária do texto. Na ocasião, o nadador foi reavaliado de categoria, sendo redirecionado à categoria S5.

Em contrapartida, como foi dito, os textos do período do portal apresentavam um foco destinado principalmente às provas e competições. Isso, somado a uma cobertura mais objetiva dos fatos, resultava em poucos problemas em relação à construção das reportagens, como o exagero ao tratar da deficiência do atleta, ou até mesmo termos problemáticos.

Como exemplo, em (EM PROVA [...] 2008) foi abordada a segunda conquista de medalha de ouro do atleta Daniel Dias. Embora curta, a matéria se dedicava a detalhar a conquista de Daniel, dando detalhes de como foi a execução da prova: “O brasileiro largou mal e logo no início da prova o chinês se distanciou. Entretanto, nos metros finais, Daniel aumentou o ritmo e conseguiu bater primeiro”.

Outro exemplo de reportagem em que não foram encontrados problemas foi (ANDRÉ BRASIL [...] 2008), que trazia uma abordagem inicial do resultado da prova e do recorde do atleta. Após isso, havia um depoimento do mesmo acerca de seu desempenho e de como os atletas brasileiros estavam se desenvolvendo nas provas. A reportagem se encerra com um resumo do que ocorreu na prova, com cinco das 15 linhas destinadas a essa descrição.

4.1.2 O discurso nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro 2016

Além de grande relevância por ter sido a primeira edição das Paralimpíadas realizada no Brasil, a Rio 2016 teve um recorde até então. De acordo com o portal do CPB, foram 72 medalhas conquistadas, sendo 14 ouros, 29 pratas e 29 bronzes. Esse número de pódios superou as duas edições anteriores: 2008 (Pequim) e 2012 (Londres).

Para esta edição, também foram analisadas seis reportagens. Neste período dos Jogos Paralímpicos, notou-se uma diferenciação maior em relação à forma das reportagens do GloboEsporte.com, quando comparadas à cobertura de 2008. Elas eram maiores e, consideravelmente, mais detalhadas. De acordo com os critérios utilizados, todos os seis materiais analisados foram consideradas longas, ou seja, passaram de 15 linhas. Todas possuíam fotos, que foram consideradas adequadas.

Na análise, foram personagens Daniel Dias, protagonista de duas matérias; Rildene Firmino, com uma matéria; Arnulfo Castorena, nadador mexicano, com uma matéria; e Edênia Garcia, também com uma reportagem. Neste sentido, houve um maior número de notícias que traçavam o perfil de atletas. Quatro das seis analisadas possuíam a característica do perfil de um ou mais atletas, como é o caso de (ALÉM DE [...] 2016), publicada no dia seis de setembro de 2016, que abordou outros nove destaques da modalidade na edição. Isso mostrou uma maior variedade de esportistas retratados, variedade que em 2008 foi inferior, já que as matérias do período anterior abordaram apenas três atletas.

Foi possível perceber também mais trechos dedicados à explicação das deficiências dos competidores do que em relação ao que foi encontrado em 2008. Em certos pontos, esse recurso foi válido, a fim de apresentar determinados atletas ao público. Porém, em alguns casos, matérias diferentes sobre os mesmos atletas traziam novamente a descrição da deficiência, ou da história por trás da deficiência. Neste sentido, essa repetição passava a impressão de que o atleta só se resumia à deficiência.

Todas as seis matérias analisadas possuíam pelo menos uma parte do texto destinada a referenciar a deficiência do atleta. Em (ALÉM DE [...] 2016), reportagem longa, com 83 linhas, 20 delas foram destinadas à deficiência dos atletas. Dos nove atletas mencionados, todos tiveram pelo menos uma linha para citar a deficiência. Quatro dos nove atletas abordados receberam um parágrafo completo para essa descrição. Em (BALEADA [...] 2016), publicada em 13 de setembro de 2016, o início e uma parte significativa do texto, foram dedicados a

explicar e relatar a origem da deficiência da esportista. As primeiras 25 linhas da reportagem (que tinha 61 no total), contando as falas da atleta, foram utilizadas para contar sobre o incidente que a tornou paraplégica.

A matéria (REJEITADO [...] 2016), de 19 de setembro de 2016, também dedicou longo espaço à deficiência do atleta: foram 33 linhas abordando a deficiência e os problemas de abandono e vício em substâncias causados por ela na vida do atleta. Apenas nove linhas foram destinadas à sua carreira no esporte. Já em (DO CRATO [...] 2016), publicada em quatro de setembro de 2016, duas linhas foram separadas para a deficiência; (DANIEL DIAS [...] 2016), de oito de setembro de 2016, teve três linhas com esse intuito e (DANIEL LEVA [...] 2016), de 16 de setembro de 2016, apenas uma.

Portanto, o maior problema desta edição, foi o espaço dado para a deficiência, que, além de aparecer em todos os materiais analisados, ganhou um grande enfoque em três delas: (ALÉM DE [...] 2016), (BALEADA [...] 2016) e (REJEITADO [...] 2016), sendo inclusive o início de duas delas (BALEADA [...] 2016) e (REJEITADO [...] 2016). Esse espaço foi encontrado na linha fina (BALEADA [...] 2016) e (DO CRATO [...] 2016).

Em (BALEADA [...] 2016), foi contada a trajetória da atleta Rildene Firmino. A escolha de abordar a deficiência de Rildene logo no início do texto, e inclusive no título, colocou este fato como o principal foco da matéria e tornou outros acontecimentos relacionados aos feitos e características da atleta dentro do esporte, como provas disputadas e medalhas adquiridas ao longo da carreira, secundários.

O nome completo da competidora, por exemplo, foi mencionado apenas na terceira linha da reportagem, enquanto o incidente que a tornou paraplégica já tinha sido citado nesta altura do texto. É apenas no sexto parágrafo que a carreira da atleta e seu retrospecto na competição foram abordados. Em uma matéria que visa trazer o perfil de uma atleta, tal construção pode ser interpretada como inadequada, principalmente ao focar uma boa parcela de seu texto em uma descrição detalhada do incidente.

Essa longa descrição e um foco exacerbado, tanto em um incidente que fez parte da vida da atleta, quanto em sua deficiência, foram entendidos como o discurso da superação, ou do super-herói: alguém que, apesar de um destino trágico, conseguiu triunfar em vida.

Este discurso de tragédia ou de uma vida de extremo sofrimento ligadas ao atleta

paralímpico foi, mais uma vez, encontrado em (REJEITADO [...] 2016), na frase: “O roteiro da vida de Arnulfo Castorena teve começo trágico e caminhava para um fim nada feliz.”. Embora pudesse se referir ao abandono familiar sofrido pelo atleta, também pôde ser associado ao discurso de um nascimento trágico, devido à deficiência.

Também houve neste texto a escolha do portal de deixar seu desempenho nas Paralimpíadas do Rio no último parágrafo do texto, ou seja, dando uma importância menor à performance de Castornera no torneio. Sua trajetória nas piscinas ao longo de sua carreira também ganhou pequena menção no sétimo parágrafo. Pouco se sabe sobre o atleta após ler o texto, além de detalhes sobre sua deficiência e trajetória de vida, que vale ressaltar, também tiveram importância dentro da construção do texto e da imagem de Castornera, porém receberam um enfoque que reduziu o personagem da reportagem à sua deficiência e uma vida trágica.

Fato é que, como foi visto, as reportagens deste período dos jogos tiveram a intenção de retratar não somente os atletas paralímpicos brasileiros da natação, mas também houve um esforço em trazer ao conhecimento do público nadadores de outras nacionalidades. Em (ALÉM DE [...] 2016), fala-se sobre outros competidores da modalidade, além de Daniel Dias, já conhecido pelo público.

A intenção de fazer isso, algo que é inexistente na cobertura de 2008, foi considerada válida, porém, a execução na forma de apresentação de alguns destes atletas também foi falha. Ao se referir a André Brasil, a matéria utilizou a frase: “mesmo com a deficiência, o carioca nadava entre os atletas olímpicos”. Aqui, não ficou claro se o termo “nadava”, se referia ao ato de treinar ou também de competir. Porém, a reportagem relatou isso em tom de surpresa, mesmo não havendo nenhum impedimento para um atleta paralímpico treinar ou estar em contato com atletas olímpicos.

Esse discurso de surpresa colocou o atleta paralímpico, no geral, em um local de inferioridade, visto que a matéria deu a entender que André Brasil superou suas limitações ao nadar com atletas olímpicos, enquanto outros permaneciam treinando e competindo com atletas paralímpicos. A construção da frase hierarquizou atletas olímpicos e paralímpicos, deixando a primeira, como uma classe superior.

Além disso, logo em seu título, a reportagem utilizou a deficiência do atleta chinês Tao Zheng para descrevê-lo, “campeão sem braços”. Não ficou claro, aqui, de que competição ou

modalidade Zheng foi vencedor, porém houve uma ênfase desnecessária de como o corpo do atleta se constituía, reduzindo-o e estereotipando-o.

A construção da história desses atletas não somente nessa matéria, como em outras deste período, focou em histórias conturbadas. Alguns destes atletas sofreram rejeição familiar pela deficiência, e claro, este fato é algo que não pode ser ignorado, por ser algo marcante na vida destas pessoas. Porém, foi possível fazer uma reflexão: em um texto que destinava cerca de dois parágrafos a cada esportista citado, seria melhor dar atenção maior às conquistas e desempenhos destes nadadores profissionais, em detrimento destes fatos da vida deles que poderiam ser melhor tratados em uma matéria específica, sem ocupar grande espaço da mesma. Essa escolha frequente de dramatizar a vida destes atletas pode colocá-los sob uma visão de vítima ou coitado em relação ao público.

A reportagem (DO CRATO [...] 2016) teve logo a linha fina como local para citar a deficiência da atleta, um local de destaque. Ela foi mencionada novamente no terceiro parágrafo, ocupando duas das dezoito linhas da reportagem. Porém, mesmo com a linha fina contendo a deficiência, ela dedicou suas outras 16 linhas, incluindo seu início, ao retrospecto da atleta em jogos e de seu objetivo de conquistar sua quarta medalha, trazendo inclusive seu retrospecto em outras edições.

Em (DANIEL DIAS [...] 2016) ocorreu o contrário: aqui, a prova, o resultado e os sentimentos do nadador durante a execução da mesma, e depois de seu resultado, ganharam enfoque. É apenas no quarto parágrafo do texto que a deficiência de Daniel foi citada, em apenas três linhas, para se referir ao atleta: “O brasileiro, que nasceu com má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, ainda disputa os revezamentos 4x50m livre misto 20 pontos, 4x100m livre masculino 34 pontos e 4x100m medley masculino 34 pontos.”.

A reportagem (DANIEL LEVA [...] 2016) também seguiu a mesma linha: para finalizar a abordagem a conquista de Daniel Dias, o texto dedicou uma linha à deficiência do atleta, semelhante a matéria anterior. “Maior medalhista em Paralimpíadas da história do Brasil, o nadador de Campinas (SP), que nasceu com má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, ainda disputa”.

Aqui também se pode questionar a escolha desses discursos, já que a matéria estaria completa mesmo sem essas informações, e apenas usar “o brasileiro” para se referir a Daniel, já seria suficiente. Ainda mais se pensarmos que Daniel Dias, como dito na própria matéria, já

era o maior nome da natação paralímpica do país, dispensando apresentações sobre sua deficiência.

4.1.3 O discurso nas Paralimpíadas de Paris 2024

A edição de 2024 dos Jogos Paralímpicos foi marcada pela melhor campanha do Brasil na história, com oitenta e nove medalhas: 25 ouros, 26 pratas e 38 bronzes. O país foi o quinto colocado no quadro de medalhas. Esta edição teve a consolidação do atleta Gabriel Araújo, o “Gabrielzinho”, um dos destaques da competição.

Em comparação à edição de 2016, pôde-se perceber uma evolução quando se analisa o discurso presente nas matérias do GloboEsporte.com acerca da edição de 2024 das Paralimpíadas. Das seis matérias analisadas, todas foram consideradas longas. Destas, cinco abordaram conquistas dos atletas na edição, sendo elas: (CAROL SANTIAGO [...] 2024), de 31 de agosto de 2004, (LÍDIA CRUZ [...] 2024), publicada em sete de setembro de 2024, (GABRIELZINHO [...] 2024a), de dois de setembro, (GABRIELZINHO [...] 2024b), de 29 de agosto e (GÊMEAS [...] 2024), dois de setembro de 2024. Ainda houve uma reportagem que pode ser considerada como perfil, (GABRIELZINHO [...] 2024c), três de setembro de 2024, que não tratou de nenhuma prova ou conquista específica, e sim do treino do atleta. Todas possuíam fotos, que não inferiorizaram o atleta paralímpico.

Aqui, houve um caráter mais objetivo quando comparado a 2016, focado nos atletas, seus resultados e nas competições, descrevendo mais as provas e conquistas do que quando comparado a 2008. Destinaram-se pequenos espaços para descrição da deficiência do atleta, sendo quatro linhas em (GÊMEAS [...] 2024) e três em (GABRIELZINHO [...] 2024a) e (GABRIELZINHO [...] 2024b). As outras três reportagens não possuíam este foco. A reportagem (GABRIELZINHO [...] 2024a) trouxe essa construção em seu terceiro parágrafo, (GABRIELZINHO [...] 2024b) no quarto, e (GÊMEAS [...] 2024) no último.

Vale ressaltar que os principais protagonistas delas foram Gabriel Araújo, “Gabrielzinho”, que é protagonista de três reportagens, Lídia Cruz, Carol Santiago e as gêmeas Débora e Beatriz Carneiro, de uma; além de Gabriel Bandeira e Phelipe Rodrigues, que apareceram na parte final de (GABRIELZINHO [...] 2024b).

Os textos (GABRIELZINHO [...] 2024a) e (GABRIELZINHO [...] 2024b) foram os únicos que possuíam termos considerados problemáticos. Nestas duas reportagens, nos trechos

destinados a falar sobre a deficiência do atleta Gabrielzinho, foi feito o uso da palavra “normal”, como em: “Gabriel tem focomegalia, doença congénita que impede a formação normal de braços e pernas”. O uso desse termo remeteu à ideia de normalidade e colocou a pessoa com deficiência fora desse conceito.

Em (GABRIELZINHO [...] 2024b) ainda foi possível notar outra construção parecida. A matéria possui uma outra seção destinada às conquistas de Gabriel Bandeira e Phelipe Rodrigues. Ela utilizou o termo “natação convencional” para se referir às competições de natação com pessoas sem deficiência como participantes, local em que o atleta também competia. O termo convencional, utilizado para se referir à natação praticada por pessoas sem deficiência, pode gerar a ideia de anormalidade para a natação paralímpica.

Já foi dito que tratar exageradamente das deficiências dos atletas é algo que diminuiu consideravelmente nesta cobertura, visto que todas as reportagens analisadas em 2016 possuíam esse espaço em pelo menos uma linha, e três delas possuíam mais de 20 linhas para se tratar acerca da deficiência. Por exemplo, em matérias como (CAROL SANTIAGO [...] 2024) e (LÍDIA CRUZ [...] 2024), não foi destinado nenhum espaço para essa explicação, sendo completamente focada no fato esportivo.

Neste sentido, foi possível perceber como esta forma de separar uma seção do texto para indicar qual é a deficiência do atleta parecia estar entranhada na forma como muitos jornalistas enxergavam a cobertura das Paralimpíadas, não sabendo abordá-las de outra forma. Porém, nesta cobertura, foi utilizada uma forma de mencionar qual é a deficiência do atleta sem tornar isso uma parte significativa do texto. Utilizou-se a categoria pela qual o atleta competia, que por si só já é uma breve descrição da deficiência. Esse recurso foi encontrado em três das seis reportagens: (CAROL SANTIAGO [...] 2024), (GÊMEAS [...] 2024) e (GABRIELZINHO [...] 2024c)

Além disso, (GABRIELZINHO [...] 2024c) é a única matéria dos três períodos que sai das competições e focou nos treinos do atleta. Essa escolha revelou-se acertada, já que reforçou a ideia de que esses profissionais são atletas de alto rendimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível, notar uma evolução do portal Globo Esporte.com, que, na última edição dos jogos, fez um trabalho de maior qualidade quando comparado às duas edições anteriores analisadas no trabalho. A prodção de 2024 foi considerado mais objetivo, tem foco principal na competição e em seus competidores, tratando na maioria das vezes, atletas paralímpicos como o que eles realmente são, atletas de alto rendimento.

Das matérias analisadas do período de 2024, nenhuma apresentou as estruturas da superação da deficiência, tampouco fragiliza a imagem desses atletas, pelo contrário, transmitiu a imagem de neutralidade e naturalidade frente à pessoa com deficiência. O foco dado aos desempenhos, aos detalhes da competição e às preparações dos atletas, permite que a cobertura seja considerada adequada, sem estereotipar ou reduzir essas pessoas

Houve uma evolução do discurso quando se compara a edição de 2024 com as duas anteriores. Para comprovar isso, é possível recorrer a alguns dados que foram coletados durante esses períodos, que enriqueceram a análise.

A começar por 2008, a cobertura é considerada média ou curta, com apenas uma matéria com 16 ou mais linhas, sendo que nos dois outros períodos sequer há matérias médias, todas longas. Esse fato faz com que as reportagens tenham menos informações acerca dos atletas e sejam mais focadas em resultados. No entanto foi notado um acerto quanto a cobertura, já que foi destinado pouco espaço para falar sobre deficiências dos atletas, visto que apenas quatro linhas tratam do tema.

Os erros desta edição foram mais pontuais, e é válido lembrar que, em 2008, as visões acerca da pessoa com deficiência ainda eram menos desenvolvidas do que quando comparadas a hoje. Mesmo assim, foram encontradas em duas reportagens, termos que poderiam induzir o leitor ao pensamento de inferiorização ou superação do atleta com deficiência

Já 2016 representa de um período mais complexo, que apresentou sinais de retrocesso em relação a seu antecessor. As matérias analisadas são carregadas de discursos de superação ou vitimização do atleta. Começando pelo espaço destinado a falar sobre as deficiências e as dificuldades de vida dos competidores, são três reportagens com mais de 20 linhas voltadas a isso. Ao todo, 84 linhas tratam de deficiência ou dificuldades da vida dos atletas. Portanto mesmo com matérias mais longas do que o período anterior, 2016 utilizou esse espaço principalmente para esse tipo de descrição.

Além disso, duas matérias utilizam suas primeiras linhas para contar histórias da deficiência e de momentos difíceis da vida dos atletas. Em duas delas a deficiência aparece logo na linha fina. Ao fazerem isso, além de enquadrarem o discurso na lógica da superação ou vitimização, colocam a deficiência como foco central da narrativa. Há uma romantização do sofrimento destes atletas no discurso destas matérias.

Não é incomum ver o mesmo sendo feito ao tratar de desportistas que passaram necessidade na infância, e logo em sequência atrelar novamente o discurso da superação. Este fato pode ser relacionado com um dos elementos que está muito ligado ao jornalismo esportivo: a paixão. Frequentemente esportes e atletas são romantizados nas matérias especializadas. O país tenta, a cada texto, criar heróis, seja por suas conquistas, ou tentando comover o público dramatizando intensamente as trajetórias individuais. Foram encontradas três matérias com termos e formas de se referir ao atleta com deficiência de forma problemática, indicando um aumento em relação à edição de Pequim.

Por fim, a cobertura de 2024 mudou a abordagem, e investiu menos em matérias que possam ser consideradas perfis. Apenas uma delas pode ser tratada desta maneira, e mesmo essa traça um perfil do treino do atleta, e não do atleta em si. Três das seis matérias possuem trechos de explicação a deficiência, sendo dez linhas ao todo nesta cobertura, número maior que em 2008 e consideravelmente menor que em 2016.

Nestas partes acerca da deficiência foram cometidos os principais deslizes da cobertura nesta edição, a visão de anormalidade e do não convencional, quando se referirem à deficiência e ao esporte paralímpico. No entanto por se tratar de uma cobertura com textos longos, a parcela dedicada a deficiência é considerada pequena, com o restante do foco sendo nas provas e desempenho dos atletas.

Quanto a cobertura fotográfica, todas as imagens foram consideradas adequadas, por

não retratarem os atletas em situações de vulnerabilidade. Mesmo assim, 2008 é uma cobertura que falha em questão de fotografias, já que três das seis reportagens não possuem fotos.

Sendo assim, nota-se que a cobertura dos Jogos Paralímpicos voltou a evoluir após um período conturbado. Se, em 2008 a cobertura foi pouco problemática, porém simplista, em 2016 as matérias aumentam de tamanho, mas a abordagem regrediu, estereotipando mais o atleta com deficiência. Porém, em 2024 é notou-se uma melhora, mesmo que ainda continuem alguns problemas pontuais.

Compreender que estes discursos são problemáticos é passo importante para que não sejam perpetuados, visto que o discurso da mídia tem papel crucial na formação da opinião pública de maneira geral. Portanto a retirada, mesmo que gradual, de vocabulários, frases e construções textuais que são consideradas capacitistas da mídia de forma geral, contribui para a formação de uma imagem mais humanizada do atleta paralímpico na mídia.

Com essa discussão, também é possível refletir a respeito do futuro do discurso nas próximas edições dos jogos. Há uma tendência esperada de sua melhora, assim como é clara quando comparada a cobertura das edições do Rio de Janeiro e Paris.

REFERÊNCIAIS

ABIAHY, A.C.A. **O jornalismo especializado na sociedade da informação.** Paraíba, 2000. Trabalho acadêmico (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/abiahys-anajornalismo-especializado.pdf>. Acessso em: 16 abr. 2025.

ALCOBA, A.L. **Periodismo deportivo.** Madrid: Síntesis, 2005.

ALÉM de Daniel Dias: outros nove astros da natação nos Jogos do Rio. **ge.globo.com**, Rio de Janeiro, 06 set 2016. Disponível em:
<https://ge.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/alem-de-daniel-dias-outros-nove-astros-da-natacao-nos-jogos-do-rio.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ALVES, R.C. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. **Comunicação e Sociedade**, v. 9-10, 2006, p. 93-102. Disponível em:
https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=9ZDP6cQAAAAJ&citation_for_view=9ZDP6cQAAAAJ:roLk4NBRz8UC. Acesso em: 16 abr. 2025.

ANDRÉ Brasil leva mais um ouro e ainda o recorde paraolímpico dos 400m livre S10. **ge.globo.com**, 15 set 2008. Disponível em:
<https://ge.globo.com/Espor tes/Pequim2008/Paraolimpiadas2008/Noticias/0,,MUL759826-16182,00.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARNES, C.; MERCER, G.; SHAKESPEARE, T. **Exploring Disability: A sociological introduction.** Cambridge: Polity Press, 1999.

BAZI, R.E.R.; BATAJELO, L. O paratleta na mídia: um estudo do esporte espetacular nas paralimpíadas do Rio. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 8, n.22, p. 143-162. 2018. Disponível em:
<https://paradesporto.unifesp.br/repositorio/trabalhos/2029d18e48a4cb32c00a20ed1aa1533a21db8.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CAPRARO, A.M. Mario Filho e a "invenção" do jornalismo esportivo profissional. **Movimento**, Cutritiba, v. 17, n. 2, p. 213–224, 2011. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/15154>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CAROL Santiago é ouro nos 100m costas nas Paralimpíadas 2024 e bate recorde das Américas. **ge.globo.com**, Paris, França, 31 ago. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2024/08/31/carol-santiago-e-ouro-nos-100m-costas-nas-paralimpíadas-2024-e-chega-a-seis-medalhas-na-carreira.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CASTRO, R. **O anjo pornográfico:** a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CIDADE, R.E.A.; FREITAS, P.S. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência.** Curitiba: Edit. UFPR, 2002.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CLODOALDO: ‘Perdi a motivação’. **ge.globo.com**, 05 set 2008. Disponível em: <https://ge.globo.com/Esportes/Pequim2008/Paraolimpíadas2008/Noticias/0,,MUL749170-16182,00.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CLODOALDO: ‘nem Deus consegue’. **ge.globo.com**, 09 set 2008. Disponível em: <https://ge.globo.com/Esportes/Pequim2008/Paraolimpíadas2008/Noticias/0,,MUL753905-16182,00.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

COELHO, P.V. **Jornalismo esportivo.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CRESPO, A.M.M. **Informação e deformação:** A pessoa com deficiência na mídia impressa. 2000. 113f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001092152>. Acesso em: 16 abr. 2025.

DALPIAZ, J.G. O Futebol na rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade). Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4124>. Acesso em: 21 abr. 2025.

DE SOUZA, J.P.C. **Classificação em esporte paralímpico baseada em evidência.** Orientador: Miguel de Arruda. 2020. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2020. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_da21959ca9f953088d0a827fbc35a518. Acesso em: 10 abr. 2025.

DE PAUW, K.; GAVRON, S.J. **Disability and Sport.** Champaign, Human Kinetics, 1995.

DEL MANTO, C. Jogos Paralímpicos: quantas medalhas o Brasil já ganhou na história da competição?. **Olympics.** 09 set. 2024. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/noticias/jogos-paralimpicos-medalhas-brasil-historia>. Acesso em: 26 mar. 2025.

DO CRATO para o Rio: Edênia Garcia quer 4ª medalha em Paralimpíadas. **ge.globo.com**, Fortaleza, CE, 04 set 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/ce/paralimpíadas/noticia/2016/09/do-crato-para-o-rio-edenia-garcia->

quer-4-medalha-em-paralimpíadas.html. Acesso em: 21 abr. 2025.

EM PROVA emocionante, Daniel Dias garante seu segundo ouro em Pequim. **ge.globo.com**, 08 set 2008. Disponível em:
<https://ge.globo.com/Esportes/Pequim2008/Paraolimpíadas2008/Noticias/0,,MUL751710-16182,00.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ERBOLATO, M.L. **Jornalismo especializado** – emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Clara Luz, 2008.

FERRARI, C.A. Após nove medalhas em 2008, Daniel Dias reconhece: ‘Acho que sou um fenômeno’. **ge.globo.com**, São Paulo, 19 set 2008. Disponível em:
<https://ge.globo.com/Esportes/Pequim2008/Paraolimpíadas2008/Noticias/0,,MUL766599-16182,00.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FERRARI, C.A. Lucas Prado e Daniel Dias pedem mais investimentos e menos preconceito. **ge.globo.com**, São Paulo, 19 set 2008. Disponível em:
<https://ge.globo.com/Esportes/Pequim2008/Paraolimpíadas2008/Noticias/0,,MUL766625-16182,00.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/jornalismo-digital-pdf-pdf-free.html>. Acesso em: 17 abr. 2025.

FRAGA, J. Brasil nos Jogos Olímpicos: relembre os resultados do país. **Olympics**, São Paulo, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/noticias/brasil-jogos-olimpicos-relembre-resultados-pais>. Acesso em: 26 mar. 2025.

GABRIELZINHO conquista primeiro ouro do Brasil nas Paralimpíadas. **ge.globo.com**, São Paulo, 29 ago. 2024. Disponível em:
<https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2024/08/29/gabrielzinho-conquista-primeiro-ouro-do-brasil-nas-paralimpíadas.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GABRIELZINHO cumpre promessa e ganha terceiro ouro nas Paralimpíadas de Paris 2024. **ge.globo.com**, Paris, França, 02 set. 2024. Disponível em:
<https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2024/09/02/gabrielzinho-cumpre-promessa-e-ganha-terceiro-ouro-nas-paralimpíadas.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GABRIELZINHO mostra treino para suportar peso das medalhas; veja vídeo. **ge.globo.com**, 03 set. 2024. Disponível em:
<https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2024/09/03/gabrielzinho-mostra-treino-para-suportar-peso-das-medalhas-veja-video.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GÊMEAS da natação fazem dobradinha de prata e bronze nos 100m peito SB14 nas Paralimpíadas. **ge.globo.com**, São Paulo, 02 set. 2024. Disponível em:
<https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2024/09/02/gemeas-da-natacao-fazem-dobradinha-de-prata-e-bronze-nos-100m-peito-sb14-nas-paralimpíadas.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLD, J. R.; GOLD, M. M. Access for all: The rise of the Paralympic Games. **The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health**, v. 127, n. 3, 2007. p. 133-141. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17542426/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

HARDIN, M. M.; HARDIN, B. The 'Supercrip' in Sport Media: Wheelchair Athletes Discuss Hegemony's Disabled Hero. **Sociology of Sport Online**, v. 7, n. 1, 2004, pp. 1-14. Disponível em: <https://www.cabidigitallibrary.org/doi/full/10.5555/20053024129>. Acesso em: 26 mar. 2025.

HILGEMBERG, T. Jogos Paralímpicos: História, mídia e estudos críticos da deficiência. **Recordé**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.1-19. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Tatiane-Hilgemberg-Figueiredo/publication/343639721_JOGOS_PARALIMPICOS_HISTORIA_MIDIA_E_ESTUDOS_CRITICOS_DA_DEFICIENCIA/links/5f35979892851cd302f3acf5/JOGOS-PARALIMPICOS-HISTORIA-MIDIA-E-ESTUDOS-CRITICOS-DA-DEFICIENCIA.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025.

JOGOS PARALÍMPICOS. História de: Jogos Paralímpicos. **Olympics**. 2025. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/esportes/paralympic/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

KAMA, A. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. **Communications**, 29, 2004. p. 447-466. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249939830_Supercrips_versus_the_pitiful_handicapped_Reception_of_disabling_images_by_disabled_audience_members. Acesso em: 16 abr. 2025.

KESSOUS, M. **100 histórias dos Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

LIDIA Cruz conquista bronze e natação fecha melhor campanha da história. **ge.globo.com**, São Paulo, 07 set. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2024/09/07/lidia-cruz-conquista-bronze-e-natacaofecha-melhor-campanha-da-historia.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

LOMBA, G.; GISMONDI, L. Daniel Dias é ouro e leva 16ª medalha: "Nunca senti uma emoção dessa". **ge.globo.com**, Rio de Janeiro, 08 set 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2016/09/sobrando-daniel-dias-leva-primeira-medalha-da-natacao-e-16-da-carreira.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MARQUES, R.F.R. **O esporte paraolímpico no Brasil**: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. Orientador: Gustavo Luis Gutierrez. 2010. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/779796>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MARQUES, F.; LOMBA, G.; GISMONDI, L. Rejeitado pela família, mexicano muda destino com a natação: "Me salvou". **ge.globo.com**, Rio de Janeiro, 16 set 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2016/09/rejeitado-pela-familia-mexicano-muda-destino-com-natacao-me-salvou.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MARQUES, F.; WERLANG, H.; GISMONDI, L. Daniel leva terceiro ouro no Rio, chega à 22ª medalha e encosta em recorde. **ge.globo.com**, Rio de Janeiro, 16 set 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2016/09/daniel-leva-terceiro-ouro-no-rio-chega-22-medalha-e-encosta-em-recorde.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2012.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E.H.L.; TUBINO, M.J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. **R. bras. Ci e Mov.** 2008. v. 16, n. 2, p. 117-125. Disponível em: <https://doi.org/10.18511/rbcm.v16i2.1133>. Acesso em: 21 abr. 2025.

PAPPOUS, A.S.; SOUZA, D.L. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2016. Disponível em: <https://ufpr.br/wp-content/uploads/2016/08/Guia-para-a-m%C3%ADdia.-Como-cobrir-os-Jogos-Paral%C3%ADmpicos.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

RODRIGUES, J.G.; TIBÚRCIO, M. Baleada pelo primo, brasileira larga emprego e curte quinta Paralimpíada. **ge.globo.com**, Rio de Janeiro, 13 set 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpíadas/noticia/2016/09/baleada-pelo-primo-brasileira-larga-emprego-e-curte-quinta-paralimpíada.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

RUBIO, K. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.16, n.2, p. 130-143, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/138705>. Acesso em: 12 mar. 2025.

RUBIO, K. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira De Educação Física E Esporte**. São Paulo, v. 24, n.1, p. 55-68, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000100006>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**. 4. ed. Rio de Janeiro, WVA, 2002.

SCHANTZ, O.J.; GILBERT, K. Na idela misconstruced: newspaper coverage of the Atlanta Paralympic games in France and germany. **Sociology of sport jornal**, 18, p. 69-94, 2001. Disponível em: <https://journals.human kinetics.com/view/journals/ssj/18/1/article-p69.xml>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quartely**, 1999, v. 16, p. 27-47. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/apaq.16.1.27>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SILVEIRA, N.E. **Jornalismo esportivo**: conceitos e práticas. Orientador: Sandra de Deus. 2009. Trabalho acadêmico (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

TAVARES, L.R. **Análise comparativa entre a cobertura das olimpíadas e das paralimpíadas no Rio 2016**: um estudo de caso do jornal o Globo. Orientador: Fernando Eweton Fernandez Junior. 2017. Trabalho acadêmico (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6610/3/Ltavares.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

TAVARES, O.; BELÉM, C.; GODOY, L.; TURINI, M.; GOMES, M.; TODT, N. Estudos olímpicos, Academia Olímpica Brasileira e educação olímpica. **Atlas do Esporte no Brasil**. 2005. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=Efvc09UAAAAJ&citation_for_view=Efvc09UAAAAJ:9yKSN-GCB0IC. Acesso em: 16 abr. 2025.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 20, p. 166-181, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/apaq.20.2.166>. Acesso em: 16 abr. 2025.

UNZELTE, C. **Jornalismo Esportivo**: Relatos de uma Paixão. São Paulo: Saraiva, 2012.

VIEIRA, S. A evolução do Brasil nos Jogos Paralímpicos em números. **Olympics**. 23 ago. 2024. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/noticias/evolucao-brasil-jogos-paralimpicos-em-numeros>. Acesso em: 26 mar. 2025.

ANEXO A – REPORTAGENS DO GLOBO ESPORTE.COM DOS JOGOS PARALÍMPICOS DE PEQUIM 2008

Clodoaldo: 'Perdi a motivação' 05/09/2008

Inconformado, nadador diz que está sendo punido por ter 'biotipo perfeito para natação' e compara suas características físicas com as de Phelps

Clodoaldo fala sobre sua mudança de categoria para a S5 nas Paraolimpíadas

Depois de ter confirmada a mudança para a categoria S5 nos Jogos Paraolímpicos de Pequim, o brasileiro Clodoaldo Silva disse que não tem mais motivação para competir nos Jogos. O nadador ainda revelou que disputará apenas a prova em que tem pior desempenho, os 50m costas, e o revezamento 4x50m medley.

- Perdi a motivação para competir nessa Paraolimpíada. Só vou nadar os 50m costas porque preciso participar de uma prova individual para disputar o revezamento. Acho que não vou passar nem da fase eliminatória - afirmou em entrevista para o site oficial do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB).

Em um comunicado para a imprensa, Clodoaldo afirmou que os motivos apontados pelas bancas de avaliação para a sua mudança de classe não foram suficientes para convencê-lo de que a troca era realmente necessária.

-Não sei o motivo pelo qual subi de Classe. Os avaliadores não me explicaram os detalhes e nem me deram nenhum documento para que pudesse bater nos pontos que eles analisaram para a mudança de classe. É algo imposto e pronto! Outro ponto negativo é que os classificadores já me conhecem e isso torna a decisão mais subjetiva. Estou sendo punido porque chego muito à frente dos meus adversários, porque treino muito, não por causa da minha deficiência.

Inconformado, Clodoaldo comparou a sua situação com a do vencedor de oito medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim, o americano Michael Phelps.

-Se for pelo mesmo critério, acho que todos os países que participaram dos Jogos Olímpicos terão de pedir a troca de categoria do Michael Phelps, porque ele ganha muitos ouros, bate muitos recordes e têm algumas características iguais as minhas. Ele leva vantagem contra seus adversários por causa da genética e isso já foi comprovado. Eu estou pagando por ser ótimo atleta e por ter biotipo avantajado (mãos grandes, costas largas, pés grandes e envergadura). Conheço atletas da classe S4 com movimentos semelhantes aos meus, só que meu físico é bem mais forte do que o deles e tenho um biotipo perfeito para natação - disse o nadador brasileiro, que conquistou seis ouros nas Paraolimpíadas de Atenas-2004.

Clodoaldo Silva competia na classe S4, mas teve de passar por uma avaliação funcional e foi reclassificado para a S5. Na natação paraolímpica, as classes vão de S1 a S10, sendo o 1 aplicado aos atletas com maior grau de dificuldade. Na classe S4, Clodoaldo conquistou seis medalhas de ouro e uma de prata na Paraolimpíada de Atenas, em 2004.

Em prova emocionante, Daniel Dias garante seu segundo ouro em Pequim - 08/09/2024

Brasileiro supera chinês recordista mundial e vence os 50m costas

Em uma das provas mais emocionantes da natação dos Jogos Paraolímpicos até agora, Daniel Dias garantiu sua segunda medalha de ouro e a terceira do Brasil na competição. Após vencer os 100m livre, o brasileiro garantiu a vitória na final dos 50m costas da categoria S5 com o tempo de 35s28.

Como já era esperado, Daniel travou um difícil duelo com o atual recordista mundial (35s04) da prova, o chinês Junquan He. O brasileiro largou mal e logo no início da prova o chinês se distanciou. Entretanto, nos metros finais, Daniel aumentou o ritmo e conseguiu bater primeiro.

- Não consegui bater o recorde, mas o que importa é a medalha no peito. No final eu pensei: "eu tenho um braço e ele não tem nenhum". Aí fui para cima dele - disse Daniel em entrevista ao SporTV.

O bronze foi para o húngaro Zsolt Vereczkei.

Lucas Prado e Daniel Dias pedem mais investimentos e menos preconceito - 19/09/08

Atletas dizem que Brasil já pode ser considerado uma potência paraolímpica

Após o melhor desempenho brasileiro nas Paraolimpíadas, os dois maiores nomes da delegação verde-amarela nos Jogos de 2008, Daniel Dias (natação) e Lucas Prado (atletismo), voltaram ao país pedindo mais investimento e menos preconceito com os atletas paraolímpicos.

- Ouvi uma vez uma mãe dizendo a um filho para sair de perto de mim porque ele poderia pegar doença. Isso é algo que ainda magoa muito. Existe um preconceito muito grande contra a gente. A doença está na cabeça de cada um – afirma Lucas Prado, medalha de ouro nos 100m, 200m e 400m.

Para Daniel Dias, com o nono lugar em Pequim, o Brasil já pode ser considerado uma potência. No entanto, o atleta lembrou que o esporte paraolímpico conquistou mais medalhas do que o olímpico (que terminou em 23º lugar no quadro geral de medalhas) e que ainda pode melhorar.

-Tivemos mais conquistas que os olímpicos. Isso é uma realidade. Espero que os patrocinadores passem a olhar para a gente de uma forma diferente. Conquistamos resultados expressivos e podemos fazer muito mais. É fácil apoiar depois que os resultados estão aí. Por que não começar isso desde a base?

O nadador disse ainda que o desempenho dos paraolímpicos em Pequim provou que os deficientes são pessoas normais com algumas limitações. E é esse poder de superação que Lucas Prado quer mostrar mais uma vez. Após a façanha em 2008, ele já estabeleceu um desafio e tanto para os próximos anos.

-Em 2009, quero correr abaixo dos 11 segundos nos 100m. Mas o meu grande sonho mesmo é fazer 10 segundos cravados e igualar o recorde do Robson Caetano. Quero provar que somos iguais aos olímpicos.

Clodoaldo Silva: “nem Deus consegue” - 09/09/2008

Depois de chegar em quinto lugar nos 200m da categoria S5, Clodoaldo diz ser impossível competir contra adversários com deficiências menores

Depois de chegar em quinto lugar na prova dos 200m livre, disputada nesta terça-feira nas

Paraolimpíadas de Pequim, o nadador brasileiro Clodoaldo Silva desabafou e disse que “nem Deus” conseguiria bons resultados competindo contra correntes com deficiências menores do que as dele. O tempo feito por Clodoaldo (2m50s89) ficou bem próximo de seu próprio recorde mundial (2m50s30), estabelecido por ele para a categoria S4 no Pan do Rio, em 2007. No entanto, competindo em sua nova categoria (S5), Clodoaldo chegou 18 segundos atrás dos 2m32s32 estabelecidos como novo recorde mundial da prova, pelo também brasileiro Daniel Dias.

- Venho melhorando a cada campeonato, mas é uma evolução técnica e não da minha deficiência. O meu caso é estável. Vou melhorar alguns décimos em algumas provas e, em outras, dois ou três segundos, em um ciclo paraolímpico de quatro anos. Isso acontece com qualquer nadador de ponta. Então é humanamente impossível eu ou qualquer outra pessoa, considerada ser humano, melhorar 18 segundos numa prova como a dos 200m livre. É impossível eu competir com deficiências menores que a minha. Assim, nem Deus consegue – desabafa Clodoaldo.

O brasileiro também aponta o fato de a maioria de seus adversários na S5 terem um ou até dois membros inferiores amputados como outro obstáculo difícil de ser vencido. Clodoaldo explica que, por não possuir movimentos da cintura para baixo, suas pernas e pés funcionam como âncoras, enquanto seus adversários teriam mais ondulação e menos atrito. O nadador retorna às piscinas novamente nesta terça, às 23h12m (horário de Brasília), para nadar a classificatória dos 50 m borboleta. Seu melhor tempo na prova é de 42s18 para a categoria S4, mais de seis segundos acima da melhor marca da categoria S5 (36s29).

André Brasil leva mais um ouro e ainda o recorde paraolímpico dos 400m livre S10 – 15/09/2008

Supernadador brasileiro dominou a prova de ponta a ponta

André Brasil festeja a conquista do seu quarto ouro nestes Jogos Paraolímpicos de Pequim

Nas braçadas de André Brasil, o verde-amarelo voltou a subir no lugar mais alto do pódio destes Jogos Paraolímpicos de Pequim. Com o tempo de 4m05s84, André conseguiu o novo recorde paraolímpico dos 400m livre, classe S10, conquistando a 13ª medalha de ouro para o Brasil. A

prata foi para o britânico Robert Welbourn, com o tempo de 4m07s61, e o bronze ficou com o canadense Benoit Huot, atual recordista mundial, que fez 4m12s14.

Apesar de ter batido o recorde paraolímpico, André lamentou seu desempenho nestes 400m livre. O brasileiro garantiu que pode fazer mais e, em entrevista ao SporTV, pediu desculpas aos fãs e ao seu treinador.

- Estou satisfeito com uma semana surpreendente, mas não com o tempo feito hoje. Sei que poderia ter ido muito melhor. Se tivesse sido uma das primeiras provas, talvez eu tivesse batido o recorde mundial. Eu sei que estava muito bem preparado e peço desculpas a todos.

Na despedida dos Jogos Paraolímpicos de Pequim, André não deixou de festejar o resultado que vem sendo obtido pela equipe brasileira.

- Estamos com uma equipe renovada e se compararmos apenas em termos de medalhas, talvez tenhamos feito parecido com Atenas. Mas se virmos os resultados, fomos muito melhores, chegando a mais finais.

André domina de ponta a ponta

Após uma boa largada, André Brasil começou impondo um ritmo forte, com o britânico Welbourn e canadense Huot vindo logo atrás. Na terceira piscina, André começou a abrir uma excelente vantagem para os seus adversários, praticamente nadando sozinho. A briga ficava então na disputa pela prata, entre Welbourn e Huot, que ainda era ameaçado pelo americano Joe Wise.

Entretanto, na quarta piscina Robert Welbourn iniciou uma boa arrancada, deixando para trás Huot e Wise e começando a se aproximar de André Brasil. A ameaça, porém, não se concretizou, com André confirmando o seu favoritismo e garantindo sua quinta medalha nestes Jogos, a quarta de ouro (a outra é de prata). O outro nadador do Brasil na prova, Marcelo Collet, ficou com o sexto tempo, tendo marcado 4m23s35.

Após nove medalhas em 2008, Daniel Dias reconhece: ‘Acho que sou um fenômeno’- 19/09/08

CARLOS AUGUSTO FERRARI

Atleta confessa que não esperava tantas conquistas nos Jogos de Pequim

Daniel Dias exibe suas conquistas em Pequim

Ele subiu ao pódio em todas as provas que disputou nas Paraolimpíadas de Pequim. Após nove medalhas, quatro delas de ouro, Daniel Dias admite que se surpreendeu com seu desempenho nos Jogos.

- Sim, acho que sou um fenômeno. Só tenho a agradecer meus pais, que sempre acreditaram em mim. Em 2004, não sabia nadar e hoje tenho todas essas medalhas. É um sonho muito bonito – afirma o atleta, que se tornou o maior medalhista para olímpico brasileiro.

Daniel, que nasceu com má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, se interessou pela natação durante os Jogos de Atenas. Após uma evolução impressionante, superou o nervosismo de estreante para brilhar em Pequim.

- Eu esperava ganhar algumas medalhas, mas não todas. Não tenho palavras para dizer o que aconteceu na China. Apesar do nervosismo, de estar participando pela primeira vez, foi algo fantástico.

Apesar das comparações com outro fenômeno, o brasileiro voltou a dizer que não quer ser o novo Michael Phelps.

- Quero ser o Daniel Dias. Sou muito mais bonito que ele – brinca.

ANEXO B – REPORTAGENS DO GLOBO ESPORTE.COM DOS JOGOS PARALÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO 2016

Baleada pelo primo, brasileira larga emprego e curte quinta Paralimpíada – 13/09/2016

JOÃO GABRIEL RODRIGUES e MATHEUS TIBÚRCIO

Rildene vira paraplégica aos seis anos durante brincadeira com revólver com familiar, hoje um judoca cego, e aproveita Jogos em casa após opção por se dedicar à natação

Uma brincadeira despretensiosa acabou tendo consequências muito sérias, tão sérias que quase provocou a morte de hoje uma das nadadoras mais experientes da delegação brasileira presente nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. A potiguar Rildene Firmino está com 41 anos de idade e está disputando sua quinta Paralimpíada, mas se lembra de tudo o que passou aos seis, quando se tornou paraplégica. Um episódio infeliz que envolve um revólver carregado à la roleta russa e o próprio primo, hoje, por ironia do destino, também um atleta com deficiência.

Rildene e o primo Ivanildo Fonseca nasceram mais ou menos na mesma época, estudavam na mesma escola em Natal e se divertiam com frequência. Num desses momentos em que estavam juntos, Ivanildo ouviu um chamado do avô de Rildene, José, hoje já falecido, e recebeu em suas mãos um revólver calibre 38. O menino então foi brincar de atirar, mas ninguém sabia que havia no tambor uma única bala. Quando aconteceu o disparo, a bala atingiu Rildene pelas costas, acertou a vértebra T11 (na parte central da coluna) e saiu pelo lado direito do peito. O acidente foi tão grave que houve complicações no pulmão e no fígado, o que deixou a potiguar na UTI durante três dias.

- Eu me lembro de todos os detalhes do acidente. Na mesma hora que o tiro me atingiu, minhas pernas já caíram. Imediatamente fiquei sem força nas pernas. Ninguém sabia que eu ficaria paraplégica. Com alguns dias no hospital é que o médico detectou que eu não mexia (as pernas) e eu ia ficar realmente paraplégica. Existia uma esperança, mas ninguém sabia o que estava acontecendo. Fiquei três dias na UTI entre a vida e a morte. Fiquei bem debilitada no início. Se (a bala) tivesse saído pelo lado esquerdo, eu teria morrido - relembrava Rildene.

A relação da nadadora com Ivanildo continua boa tal qual era antes daquele dia. A ligação dos dois acabou transpassando para o esporte. Ao longo da última década, o primo de Rildene ficou com a visão prejudicada e atualmente ele é um judoca com deficiência visual.

- Pelo destino, ele virou um atleta com deficiência no judô. Ele ficou deficiente visual. Depois dos 30 anos, ele foi perdendo a visão por um problema. Ele só ainda não foi para competições internacionais, mas já participou de torneios nacionais - conta a atleta brasileira.

Rildene teve a oportunidade de cair na piscina do Estádio Aquático na última segunda-feira. A estreia foi na eliminatória dos 150m medley SM4 (costas, peito e livre), prova em que foi bronze nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto, em 2015. Porém, não passou para a final. O segundo (e último) evento é nesta quarta-feira, quando nada a eliminatória dos 50m peito SB3.

Essa é a quinta Paralimpíada da nadadora brasileira. Ela começou a competir no início dos anos 90 e estreou nos Jogos Paralímpicos em Barcelona 1992. Disputou também Sydney 2000, Atenas 2004 e Pequim 2008. Ficou fora de Atlanta 1996 por não ter obtido índice e de Londres 2012 porque os 150m medley e os 50m peito não foram provas paralímpicas naquela edição. Agora, mesmo que os tempos não permitam sonhar com uma vaga na final, ela busca curtir a oportunidade de disputar uma edição de Jogos Paralímpicos no Brasil.

- É maravilhoso. Esse era um sonho. Em 1992, a gente pensava: “quando vai ter um evento desse no nosso país?” Agora estou realizando esse sonho. Para nós que trabalhamos e vivemos com a deficiência, ou quem tem um deficiente em casa ou que conhece um portador de deficiência, é um marco, uma celebração maravilhosa, indescritível.

Depois de 14 anos como operadora de telemarketing em Natal, Rildene deixou para trás o emprego há dois anos para se dedicar exclusivamente à preparação para a Paralimpíada. O sustento passou a vir então dos valores do Bolsa Atleta (R\$ 3.100,00) e de um apoio da prefeitura de Natal, que destina recursos ao Sadef, clube onde a potiguar treina na capital. Em janeiro deste ano, ela se mudou para São Caetano do Sul (SP) para se juntar à equipe brasileira e até ficou os últimos meses longe da própria filha.

Após tanta vontade de competir na Rio 2016, Rildene não pensa em aposentadoria. Segundo ela, enquanto tiver forças para continuar nadando, seguirá buscando não só Tóquio 2020 como também as edições seguintes das Paralimpíadas.

- Eu não sei fazer outra coisa na vida, não sei nem quando vou parar (risos). Enquanto o caldo

estiver rendendo e eu aguentar... O mais difícil são os treinos. O nosso dia-a-dia, devido à nossa limitação, é muito difícil. A idade vai chegando e as responsabilidades também. Mas isso aqui é muito bom.

Rejeitado pela família, mexicano muda destino com a natação: "Me salvou" - 16/09/2016

FABRÍCIO MARQUES, GABRIELE LOMBA E LYDIA GISMONDI

Abandonado pelo pai após morte da mãe no parto, Arnulfo Castorena encara violência, vida de pedinte e tentação das drogas antes de subir cinco vezes ao pódio paralímpico

O roteiro da vida de Arnulfo Castorena teve começo trágico e caminhava para um fim nada feliz. Perdeu a mãe tão logo nasceu, por complicações no parto. Sem um braço e com malformação nas duas pernas, acabou rejeitado pelo pai. A avó que o acolheu, também morreu quando ainda era criança. Na adolescência, encarou a violência doméstica na casa de parentes, rotina de pedinte nas ruas de Guadalajara e a tentação das drogas. Mas o cenário que apontava para um futuro incerto foi reconstruído com a ajuda do esporte. Por meio da natação, o mexicano começou a mudar sua história e hoje, aos 38 anos, relata orgulhoso os bonitos capítulos de suas cinco Paralimpíadas.

- A natação me salvou. Se não fosse o esporte, talvez eu estivesse nas drogas, não estaria aqui para minha quinta Paralimpíada. Tenho cinco medalhas, tenho ouro prata e bronze, além de alguns recordes. Tenho minha esposa, meus filhos, que são o meu motor. Graças a deus, consegui tudo isso e pude seguir adiante na vida - afirmou Arnulfo, com sorriso no rosto.

Órfão de mãe e abandonado pelo pai, o mexicano conheceu a natação pouco depois dos seis anos de idade, quando deixou a casa da avó, em Guadalajara, para morar em um internato para crianças com deficiência, na Cidade do México. Foi lá que teve os primeiros contatos com a piscina. No entanto, aos 12, acabou mandado de volta para sua terra natal. Com a avó já falecida, passou a viver em casas de parentes, onde não encontrava nenhum tipo de suporte. Pelo contrário. Chegou a precisar pedir dinheiro nas ruas.

- A verdade é que minha vida foi muito difícil. Não tive apoio da minha família. Praticamente me criei nas ruas. Fui morar com uma tia, mas a partir dos 14, 15 anos, tive que aprender a seguir sozinho. Tinha que pedir dinheiro nas ruas para seguir adiante.

As drogas deixavam o cenário ainda pior. Arnulfo sofria com a violência de parentes usuários. Por vezes, chegou a pensar em também se entregar ao vício. Resistiu com a ajuda do esporte.

- Era difícil. Tinha pessoas que se drogavam na minha família e eles ficavam muito violentos. Eu também era tentado com aquilo. Se eles usavam, por que eu não? Mas nunca me entreguei. Tentei demonstrar que era possível seguir a vida apesar de tantas adversidades.

A persistência começou a ser recompensada no ano 2000. Sem nunca desistir da natação, Castorena conseguiu índice para a Paralimpíada de Sydney. Logo em sua primeira participação nos Jogos, conquistou o ouro nos 50m peito SB2. Com o resultado expressivo, passou a viver do esporte e aumentou sua coleção de medalhas com outro ouro, duas pratas e um bronze nas três edições seguintes.

- Sou muito feliz por ter conseguido tudo isso. A natação me trouxe muitas coisas boas. Sou muito agradecido.

No Rio, o veterano mexicano estreou com o sexto lugar nos 50m peito SB2. Mas ainda vai em busca de mais uma medalha nesta sexta, na disputa dos 150m medley S3.

Além de Daniel Dias: outros nove astros da natação nos Jogos do Rio – 06/09/2016

Ao lado do atletismo, a natação é uma das modalidades que mais distribuem medalhas nos Jogos Paralímpicos. Assim como o americano Michael Phelps nas Olimpíadas, o brasileiro Daniel Dias é a principal estrela do esporte entre os atletas com deficiência. Mas a natação paralímpica não se resume ao três vezes vencedor do Prêmio Laureus, o "Oscar do esporte". Ao longo de praticamente toda a Rio 2016, entre os dias 8 e 17 de setembro, o Estádio de Esportes Aquáticos, dentro do Parque Olímpico, é a casa de astros que possuem grandes histórias de vida, sonham acumular pódios e quebrar recordes mundiais.

Os talentos vêm de diversas partes do planeta. Aqui, Daniel Dias tem a companhia de dois outros nomes importantes do esporte. André Brasil é mais um nadador do país que adora conquistar múltiplas medalhas e recordes. E o experiente Clodoaldo Silva, um dos primeiros ícones da modalidade no Brasil, quer encerrar a carreira com chave de ouro. Dentre os estrangeiros, tem desde atleta que serviu na Guerra do Afeganistão a campeão paralímpico sem braços. Confira abaixo outros destaques da natação na Paralimpíada do Rio.

1. André Brasil (Brasil)

André Brasil é uma das principais estrelas da equipe de natação brasileira. O carioca tem dez medalhas em Paralimpíadas (sete ouros e três pratas) e pode chegar a 18 com as provas que vai disputar na Rio 2016. Além disso, é o recordista mundial de seis eventos na categoria S10: 50m, 100m e 200m livre; 50m costas; e 50m e 100m borboleta.

André teve poliomielite aos dois meses de vida após uma reação vacinal. A doença deixou uma pequena sequela na perna esquerda, mais fraca e mais fina em relação à direita. Ele conheceu a natação ainda na infância como forma de reabilitação. Pouco tempo depois já estava competindo, e, mesmo com a deficiência, o carioca nadava entre os atletas olímpicos. A mudança para o esporte paralímpico se deu aos 20 anos.

2. Clodoaldo Silva (Brasil)

Um dos atletas mais experientes da delegação do país, Clodoaldo Silva está indo para sua quinta Paralimpíada. O fato de a edição deste ano ser no Brasil fez o potiguar de 37 anos adiar a aposentadoria, inicialmente marcada para o término dos Jogos de Londres, em 2012, a fim de dar o adeus definitivo em casa.

Clodoaldo teve paralisia cerebral por falta de oxigênio durante o parto, o que afetou os movimentos das pernas, trazendo inclusive uma pequena falta de coordenação motora. A natação entrou em sua vida em 1996 como uma forma de reabilitação, e em dois anos já estava competindo. Ele possui 13 medalhas paralímpicas (seis ouros, cinco pratas e dois bronzes).

3. Tao Zheng (China)

Tao Zheng chamou atenção na Paralimpíada de Londres 2012 ao quebrar o recorde mundial dos 100m costas e ganhar o ouro fazendo uso apenas da potência das pernas e do tronco. O chinês de 25 anos perdeu os dois braços após ter levado um choque elétrico quando criança.

Nesta primeira participação paralímpica, ele também levou uma prata e dois bronzes. Desde então, Zheng se consagrou como um dos principais nomes no estilo que lhe deu fama, continuando a ser o recordista mundial dos 100m costas S6. E, também, vem se destacando nos 50m borboleta S6, vencendo a prova nos dois últimos Mundiais.

4. Ellie Simmonds (Grã-Bretanha)

A britânica Ellie Simmonds é um dos nomes mais conhecidos da natação paralímpica. Ela nasceu com acondroplasia, uma forma de nanismo, e começou a nadar aos cinco anos de idade. Aos 13, já estava competindo em alto nível e conquistando medalhas.

Em Pequim 2008, aos 14 anos, ganhou duas medalhas de ouro. Em Londres 2012, somou mais duas de ouro e uma de bronze. Além das conquistas, Simmonds é conhecida por seu carisma e por ser uma defensora dos direitos das pessoas com deficiência.

5. Brad Snyder (EUA)

Brad Snyder serviu como oficial da Marinha dos Estados Unidos e perdeu a visão ao pisar em uma mina terrestre no Afeganistão em 2011. Um ano depois, já estava competindo na Paralimpíada de Londres, onde conquistou duas medalhas de ouro e uma de prata.

Snyder é um exemplo de superação e dedicação, tendo se tornado um dos principais nomes da natação paralímpica americana. Em competições internacionais, continua a acumular medalhas e a inspirar outros atletas.

6. Ihar Boki (Belarus)

Ihar Boki é considerado um dos maiores nadadores paralímpicos da atualidade. Ele compete na classe S13, para atletas com deficiência visual, e já conquistou múltiplas medalhas de ouro em Jogos Paralímpicos e campeonatos mundiais.

Boki é conhecido por sua técnica apurada e por dominar diversas provas, incluindo estilos livre, costas e borboleta. Sua performance consistente o torna um dos favoritos em qualquer competição que participa.

7. Teresa Perales (Espanha)

Teresa Perales é uma das nadadoras mais laureadas das Paralimpíadas e um dos grandes nomes dentro da Rio 2016. Ela carrega 22 medalhas paralímpicas (seis ouros, seis pratas e dez bronzes) conquistadas desde Sydney 2000. Na categoria S5, a espanhola é co-recordista mundial dos 50m livre e detentora do melhor tempo do planeta nos 100m livre, prova essa em que é tricampeã paralímpica.

Teresa foi diagnosticada com neuropatia periférica aos 19 anos e perdeu a mobilidade das pernas em três meses, em 1995. Ela aprendeu a nadar e em torno de um ano já estava participando de competições.

8. Benoît Huot

Benoît Huot é um dos maiores medalhistas a participar da Rio 2016. Ele está indo para sua quinta Paralimpíada com 19 medalhas no currículo na categoria S10 (nove ouros, cinco pratas e cinco bronzes). O canadense de 32 anos é um dos rivais de Andre Brasil em diversas provas e tem inclusive uma deficiência similar à do brasileiro.

9. Jessica Long

Com a ausência da norueguesa Ingrid Thunem, detentora de 12 recordes mundiais e que não veio ao Rio por medo de contrair infecções, a americana Jessica Long é a nadadora mais "paparrecorde" presente nesta Paralimpíada. Ela detém os melhores tempos de oito provas na categoria S8 (200m, 400m, 800m e 1.500m livre; 200m costas; 200m borboleta; 200m e 400m medley) e de uma outra na SB7 (100m peito). Possui também 17 medalhas (12 ouros, três pratas e dois bronzes) em três participações paralímpicas, sendo atual tricampeã olímpica nos 100m e 400m livre, bicampeã nos 100m borboleta e 200m medley, e campeã nos 100m peito.

Nascida na Rússia, Jessica foi deixada na maternidade pelos pais por causa de sua deficiência. Devido a uma hemimelia fibular (defeito de formação dos membros inferiores), ela precisou amputar toda a parte do joelho para baixo de ambas as pernas aos 18 meses. Antes disso, ela ficara num orfanato até ser adotada por um casal de americanos aos 13 meses de vida.

Daniel Dias é ouro e leva 16^a medalha: 'Nunca senti uma emoção dessa – 08/09/2016

GABRIELE LOMBA e LYDIA GISMONDI

A 16^a medalha paralímpica de Daniel Dias e a primeira da natação brasileira nos Jogos Rio 2016 veio de um jeito especial. Depois de somar 15 pódios em Londres 2012 e Pequim 2008, o nadador de Campinas teve a chance de conquistar seu 11º ouro competindo em casa. O maior nome da natação paralímpica do país venceu com sobras - uma diferença de pouco mais de 11s - a final dos 200m livre (categoria S5), nesta quinta-feira, conquistando o tricampeonato. O astro de 28 anos, que levantou a torcida no Estádio Aquático, ainda disputa outras oito provas ao longo da competição, com chance de chegar à incrível marca de 24 medalhas.

"Nunca senti uma emoção dessa. Meu coração explodiu, achei que fosse sair pela minha garganta, pular para fora. Foi fantástico, foi incrível, foi um momento único" – comemorou Daniel.

O altíssimo barulho da torcida antes da largada não tirou a concentração de Daniel Dias. Os gritos, na verdade, serviram de combustível para o brasileiro acelerar desde os primeiros metros. Sem dar chances a qualquer adversário, o multicampeão dominou a prova do início ao fim e bateu em primeiro com tranquilidade, em 2m27s88. Campeão em Pequim 2008 e Londres 2012, o atual recordista mundial conquistou o tricampeonato da prova com a vitória na estreia no Rio.

"Foi como eu sonhava, como esperava, e até maior, com todo esse apoio, com toda essa torcida, tendo a minha família... Eu sempre disse que era um sonho ter um filho me acompanhando, e Deus me agraciou com dois. Ter esse apoio a mais é espetacular. Saio satisfeito. Claro que a gente estava atrás desse recorde mundial, mas cheguei exausto e sei que dei o meu melhor para hoje. E estou ainda mais satisfeito com esse apoio da torcida, com esse incentivo. Não tem preço. É um momento único que a gente está vivendo. Temos que desfrutar de tudo isso com muita alegria, nos divertir quando a gente cair na piscina" – afirmou Daniel.

Maior medalhista em Paralimpíadas da história do Brasil, Daniel Dias disputará, além dos 200m livre S5, outras cinco provas individuais na Rio 2016 e é candidato a subir ao pódio em todas elas: 50m livre, 100m livre, 50m borboleta e 50m costas da classe S5, além dos 100m peito SB4. O brasileiro, que nasceu com má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, ainda disputa os revezamentos 4x50m livre misto 20 pontos, 4x100m livre masculino 34 pontos e 4x100m medley masculino 34 pontos.

Caso conquiste medalhas em todas as nove provas, o fenômeno de 28 anos alcançará a incrível marca de 24 medalhas paralímpicas, ultrapassando o atual recordista da natação masculina, o australiano Matthew Cowdrey, que tem 23 e não disputa os Jogos do Rio.

Confira os tempos dos medalhistas:

1. Daniel Dias - ouro - 2m27s88
2. Roy Perkins - prata - 2m38s56
3. Andrew Mullen - bronze – 2m40s65

Do Crato para o Rio: Edênia Garcia quer 4^a medalha em Paralimpíadas - 04/09/2016

Cearense nasceu com polineuropatia sensitiva motora, doença progressiva que trouxe dificuldades de movimento. Ela subiu ao pódio em Atenas, Pequim e em Londres

Edênia Garcia é natural do Crato, cidade distante cerca de 530 quilômetros de Fortaleza. Na Paralimpíada do Rio, a cearense de 29 anos tenta conquistar a primeira medalha de ouro com a natação. Ela foi prata nos 50m costas S4 em Atenas 2004, bronze nos 50m livre classe S4 em Pequim 2008 e prata nos 50m costas classe S4 em Londres, em 2012.

- Minha meta é fazer o melhor, ganhar mais uma medalha. É muito legal estar na minha quarta paralimpíada, mas melhor ainda é fechar a competição com uma medalha - afirmou a nadadora, em entrevista ao Estadão, no fim do mês passado.

A cearense nasceu com polineuropatia sensitiva motora, uma doença progressiva que trouxe dificuldades de movimento nas pernas e nos braços. Tornou-se a a primeira mulher brasileira a conquistar o título de tricampeã mundial paralímpica, após vencer os 50m costas em Eindhoven, Holanda, em 2010. Foi ouro e prata no Parapan de Toronto, em 2015. Depois, recuperou de duas cirurgias no ombro para a Paralimpíada do Rio.

- Pude acompanhar parte desta Olimpíada, que superou minhas expectativas. O povo, o clima, a organização. E não espero diferente nas Paralimpíadas. Queremos fazer o melhor, no evento e nos resultados. Queremos ser a maior potência mundial - completou.

A natação faz parte dos Jogos Paralímpicos desde Roma 1960, primeira edição do evento. Na Paralimpíada do Rio, são 151 provas valendo medalhas, com disputas masculinas, femininas e revezamento misto. As provas serão no Estádio Aquático Olímpico.

Daniel leva terceiro ouro no Rio, chega à 22^a medalha e encosta em recorde – 16/09/2016 **FABRÍCIO MARQUES, HECTOR WERLANG E LYDIA GISMONDI**

Destaque da natação brasileira segue com 100% de aproveitamento e vence a final dos 50m costas na classe S5, subindo pela sétima vez no pódio dos Jogos de 2016

Se tem Daniel Dias na água, tem medalha. O nadador de 28 segue "acostumando mal" a torcida brasileira nos Jogos do Rio. Em sua sétima prova na competição, faturou a sétima medalha e levou o Estádio Aquático ao delírio. A desta sexta-feira foi a terceira dourada, após vencer a final dos 50m costas da classe S5, conquistando o tricampeonato. Com ela, o principal nome do esporte paralímpico do país chega a 22 pódios, tornando-se o segundo colocado isolado no

ranking masculino de maiores medalhistas da modalidade em Paralimpíadas.

Com um sorriso largo no rosto, como é de costume, Daniel entrou na área da piscina do Estádio Aquático quando foi anunciado pelo locutor. A torcida vibrou muito, e o recordista mundial ainda acenou para os torcedores antes de se preparar para a largada. Quando começou a prova, depois de um grito atrasar a saída dos aletas, o brasileiro não deu chances a nenhum adversário. Dominou do início ao fim e garantiu o ouro, com o tempo de 35s40, para delírio do público que lotou as arquibancadas. O britânico Andrew Mullen ficou com a prata (37s94). O húngaro Zsolt Vereczkei levou o bronze (38s92).

- Teve aquele lance na saída que o cara gritou. Acredito que tenha atrapalhado um pouco todo mundo. Aquele momento é quando a gente está concentrado para fazer a prova. Depois a gente tentou concentrar novamente. Minha saída não foi das melhores, então no final estava vendo muita água espirrando do meu lado. Pensei: "tenho que dar um gás total aqui para finalizar bem a prova". Acho que consegui finalizar muito bem. Poder ter esse tricampeonato nessa prova - Pequim, Londres e agora aqui - é algo incrível. É espetacular, algo que vai marcar para sempre minha carreira, ainda mais com essa torcida - disse Daniel, que mais uma vez foi para os braços da esposa Raquel e dos filhos Asaph e Daniel, depois de pegar sua medalha no pódio.

Os outros dois ouros de Daniel na competição até agora vieram nos 50m e 200m livre da classe S5. Ele também foi prata nos 100m peito da classe SM4 e nos revezamentos 4x50m livre misto até 20 pontos e 4x100m livre até 34 pontos. O único bronze saiu nos 50m borboleta S5.

Na quarta-feira, com a prata no 4x100m livre até 34 pontos, Daniel alcançou o segundo lugar no ranking da modalidade, mas ainda aparecia empatado com o canadense Timothy McIsaac, o norueguês Noel Pedersen e o japonês Junichi Kawai, com 21 medalhas. Agora, está isolado com 22. Caso suba ao pódio nas duas provas ainda previstas para nadar na Rio 2016, o fenômeno brasileiro alcançará a incrível marca de 24 pódios, ultrapassando o atual recordista da natação masculina, o australiano Matthew Cowdrey, que tem 23 e não disputa esta edição. Maior medalhista em Paralimpíadas da história do Brasil, o nadador de Campinas (SP), que nasceu com má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, ainda disputa no último dia de competição, neste sábado, os 100m livre e, provavelmente, será escalado para o revezamento 4x100m medley masculino até 34 pontos.

Carlão fica em quinto nos 100m livre S13

Outro destaque brasileiro no penúltimo dia de competição, Carlos Farrenberg chegou perto de

a segundo medalha nos Jogos do Rio. O veterano de 36 anos chegou a brigar pelo bronze no final dos 100m livre na classe 12 - para atletas com baixa visão -, mas perdeu ritmo nas últimas braçadas e ficou em quinto (53s81). Ihar Boki, de Belarus, garantiu seu quinto ouro (50s90 - recorde paralímpico).

- Gostaria de ter nadado melhor agora à tarde. Tentei mudar um pouco a estratégia, mas não deu certo dessa vez. Ainda assim, nadei duas vezes aqui na Paralimpíada para meus melhores tempos. Então, o balanço é bem positivo em um contexto geral – disse Carlão, que na última quarta conquistou sua primeira medalha, com a prata nos 50m livre.

Além de Carlão, Edênia Garcia e Ronystony Cordeiro terminaram em 7º lugar nos 50m costas classe S4. Ela fez 55s50, enquanto o brasileiro completou sua final em 50s84.

ANEXO C – REPORTAGENS DO GLOBO ESPORTE.COM DOS JOGOS PARALÍMPICOS DE PARIS 2024

Carol Santiago é ouro nos 100m costas nas Paralimpíadas 2024 e bate recorde das Américas - 31/08/2024

Nadadora, que compete pela classe S12, para pessoas com deficiência visual, fez o tempo de 1min08s23 e se firmou como uma das estrelas do Brasil nos Jogos Paralímpicos de Paris: foi seu quarto ouro na carreira

Maria Carolina Santiago conquistou o ouro nos 100m costas em Paris e se firmou como uma das grandes estrelas do Brasil nos Jogos Paralímpicos 2024. Foi sua sexta medalha em Paralimpíadas, a quarta dourada, já que ganhou três ouros, uma prata e um bronze em

Tóquio 2020. Competindo pela classe S12, para pessoas com deficiência visual, Carol se igualou à velocista Ádria dos Santos como maior medalhista de ouro brasileira em Paralimpíadas. De quebra, ainda bateu o recorde das Américas na prova, com o tempo de 1min08s23.

- Tive o privilégio de ter uma francesa na minha série. Então a gente entrou com aquele público gritando e eu fiquei pensando: "Isso é pra mim, isso é pra mim!" - brincou Carol: - Confesso que fiquei meio apreensiva ali no final, porque dei minha vida ali. E não sabia se tinha chegado na frente. Aí me avisaram: "Comemora que você ganhou!"

E ganhou de ponta a ponta. Carol largou muito bem e dominou a prova a cada braçada, mesmo com a sombra da ucraniana Anna Stetsenko, que ficou com a prata com o tempo de 1min09s43, logo atrás. O bronze foi para a espanhola Maria Delgado Nadal, com 1min11s33.

- Foi incrível, foi uma sensação que nem consigo descrever. É a primeira vez que estou vivendo isso, nadar com essa torcida - comentou depois do pódio, relembrando que, em Tóquio, por causa da pandemia de covid-19, não havia torcida nas arenas esportivas.

Em Tóquio, Carol tinha ficado com o bronze nos 100m costas. Os ouros vieram nos 50m livre, nos 100m livre e nos 100m peito, com uma prata no revezamento 4x100m livre. Dessa vez, a pernambucana mostrou evolução na prova e já subiu ao lugar mais alto do pódio. Seu quarto ouro a igualou a Ádria dos Santos, que venceu os 100m rasos no atletismo em Barcelona 1992, Sydney 2000 e Atenas 2004 e os 200m em Sydney 2000, todos pela classe T11 (deficiência visual). A velocista tem ainda oito pratas e um bronze, totalizando 13 medalhas entre os Jogos

de Seul 1988 e Pequim 2008.

Carol disputa um total de sete provas em Paris. Além do ouro deste sábado, ela ficou em décimo nos 100m borboleta S13, prova na qual não é especialista e na qual compete com atletas com um grau de deficiência visual menor do que o seu, no último dia 29. E volta à piscina em outras cinco provas, inclusive defendendo seus títulos conquistados em Tóquio. A expectativa é de que ela se isole como maior medalhista de ouro do Brasil em todos os tempos, entre as mulheres - entre os homens, Daniel Dias tem a incrível marca de 14 ouros, 27 medalhas no total.

Veja as próximas provas de Carol em Paris:

2/9 - 50m livre S13

3/9 - 200m medley SM13

4/9 - 100m livre S12

5/9 - 100m peito SB12

Revezamento 4x100m livre (49 pontos).

Nos 100m costas S12 masculino, Douglas Matera terminou em sexto lugar com 1min03s74, o melhor tempo de sua vida.

- Tô muito feliz de ter feito minha melhor marca, é um excelente início para a competição - disse Douglas.

A natação do Brasil já coleciona seis medalhas em Paris: os ouros de Carol, nos 100m costas S12, e de Gabrielzinho, nos 100m costas S2; a prata de Phelipe Rodrigues nos 50m livre da classe S10; e os bronzes de Gabriel Bandeira bronze nos 100m borboleta da classe S14, para atletas com deficiência intelectual; Talisson Glock nos 200m medley SM6; e do revezamento 4x50m livre misto (20 pontos).

Gabrielzinho cumpre promessa e ganha terceiro ouro nas Paralimpíadas de Paris 2024 - 02/09/2024

Missão dada é missão cumprida. Gabriel Araújo conquistou, nesta segunda-feira, o terceiro ouro dele nos Jogos Paralímpicos de Paris, ao vencer os 200m livre da classe S2. Mais uma vez

amassou, como gosta de dizer, os adversários e terminou com o tempo de 3min58s92, bem à frente do russo Vladimir Danilenko, que ficou com a prata com 4min14s16, e do chileno Alberto Diaz, bronze com 4min22s18. E cumpriu a promessa que havia feito ainda em julho, quando declarou:

- Vou ganhar três medalhas de ouro nos Jogos Paralímpicos de Paris 2024.

Foi o segundo ouro do Brasil nas piscinas nesta segunda-feira. Mais cedo, Carol Santiago venceu os 50m livre da classe S13 e chegou à quinta medalha dourada da carreira, se tornando a maior medalhista de ouro da história do Brasil.

Estratégia de campeão

Gabriel tem focomelia, doença congênita que impede a formação normal de braços e pernas, e conheceu a natação por meio de um professor de Educação Física. E ele usou uma tática diferente, já que a prova é nado livre. Os primeiros metros foram de crawl, com a barriga para baixo, depois fez 50 metros de costas, e terminou de novo no crawl.

Logo no início, já disparou na frente e deixou claro que iria para o ouro. Nos primeiros 50 metros, já passou 2s39 na frente no segundo colocado. A cada 50 metros, foi colocando mais vantagem em relação aos adversários, até fechar com mais de 15 segundos de frente.

Assim, Gabriel chega a seis medalhas paralímpicas na carreira. Em Tóquio 2021, conquistou dois ouros (200m livre e 50m costas) e uma prata (100m costas), enquanto nesta edição de Paris "varreu" as medalhas e foi campeão das três provas.

Gabrielzinho conquista primeiro ouro do Brasil nas Paralimpíadas - 29/08/2024

Potência paralímpica, o Brasil conquistou, logo no dia inaugural de competições, a primeira medalha de ouro nos Jogos de Paris. Nesta quinta-feira, Gabriel Araujo conquistou o ouro nos 100m costas da classe S2 da natação. Ele terminou com o tempo de 1min53s67. Vladimir Danilenko, que é russo e nas Paralimpíadas compete como neutro, ficou com a prata, com 2min01s34. O chileno Alberto Diaz levou o bronze com 2min01s97.

O país ainda levou duas medalhas, prata com Phelipe Rodrigues nos 50m livre da S10, nono pódio da vida em Paralimpíadas, e bronze de Gabriel Bandeira nos 100m borboleta da classe S14, a quinta medalha de sua carreira.

"Eu estou muito feliz e emocionado. Foi uma prova difícil, que mexe comigo. Eu trabalhei muito para isso. A gente fez de tudo para que a medalha de prata virasse ouro. Eu já estaria feliz com ouro, mas estou muito feliz porque eu amassei a prova, mandei muito bem. Posso gritar que sou campeão paralímpico dos 100m costas. Foi uma prova perfeita" – disse Gabriel.

Gabriel tem focomelia, doença congênita que impede a formação normal de braços e pernas, e conheceu a natação por meio de um professor de Educação Física. É a quarta medalha da carreira dele, que foi ao pódio três vezes em Tóquio 2021. Na ocasião, foi ouro nos 200m livre e nos 50m costas e prata nos 100m costas.

Porta-bandeira do Brasil na cerimônia de abertura, Gabriel era favorito ao ouro na prova desta quinta-feira. Líder do ranking mundial e campeão do mundo, abriu vantagem logo nos primeiros metros e disparou. Na primeira metade da prova, já tinha mais de três segundos de frente para os demais. Depois, manteve o ritmo e venceu com folga, batendo o recorde das Américas.

O nadador ainda volta a competir em duas provas na classe S2, os 50m costas e 200m livre, além de outras duas disputas na classe S3: 50m livre e 150m medley.

Gabriel Bandeira e Phelipe Rodrigues no pódio

O Brasil foi ao pódio outras duas vezes neste primeiro dia de competições. Phelipe Rodrigues ficou com a prata nos 50m livre da classe S10 e Gabriel Bandeira com o bronze nos 100m borboleta da classe S14, para atletas com deficiência intelectual.

Phelipe foi ao pódio pela nona vez na carreira, agora com seis pratas e três bronzes. Já tinha conquistado medalhas em quatro edições – Pequim 2008, Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2021. Terminou os 50m livre de Paris em 23s54, atrás do australiano Thomas Gallaghaher (23s40). O bronze ficou com o também australiano Rowan Crothers, que fez 23s79.

"Foi um ano bem difícil, em todos os aspectos. Venho me cobrando muito, minha última edição de jogos. Passei várias noites em claro e consegui uma medalha. Estou feliz para caramba. Fiquei próximo ao ouro, mas a gente, como atleta de alto rendimento, sabe como é a luta e a briga pelo pódio" – disse.

Já Gabriel conquistou o bronze nos 100m borboleta com o tempo de 55s08. O ouro ficou com o dinamarquês Alexander Hillsouse com 54s61, e a prata com o australiano William Ellard com

54s86.

- A prova não encaixou. Era a prova que eu tinha mais chance de ouro, levei o bronze. Mas esporte é isso. Ainda tenho quatro provas pela frente. Não estou feliz com o resultado, mas não posso deixar isso me abalar - disse Gabriel, que esperava o bicampeonato.

Gabrielzinho mostra treino para suportar peso das medalhas; veja vídeo - 03/09/2024

Dono de três medalhas de ouro nas Paralimpíadas de Paris 2024, Gabriel Araújo repete, na academia, o gesto esportivo que tem na piscina, um estilo próprio chamado de "golfinhada".

Vídeos que mostram os treinos de Gabriel Araújo, o Gabrielzinho, viralizaram nas redes sociais e têm rendido elogios dos fãs do esporte, impressionados com os exercícios. Dono de três medalhas de ouro nas Paralimpíadas de Paris 2024 e de dois ouros e uma prata em Tóquio 2020, o nadador de 22 anos sobra na piscina nas provas de sua classe, a S2, para pessoas com comprometimento físico-motor. Nos 200m livre, por exemplo, terminou quase 15 segundos à frente do segundo colocado. Ao fim de cada vitória, Gabrielzinho dança, brinca, bota a língua para fora. Nesta terça-feira, o multicampeão brincou exibindo um treino especial para aguentar o peso das medalhas no pescoço.

Para ganhar tantas provas, bater recordes e ainda ter disposição esbanjar alegria e carisma depois de nadar, ele treina duro.

- O treino é fundamental para que eu faça o movimento de força mais rápido, potente e eficiente - afirma Gabrielzinho.

Técnico do nadador, Fábio Antunes, explica que cada detalhe do treinamento é pensado para lapidar o talento natural de Gabrielzinho e sua sua "golfinhada", o movimento ondulatório que o atleta faz na piscina e que o levou ao lugar mais alto do pódio, em Paris, com as vitórias nos 50m costas, 100m costas e 200m livre.

- Nós criamos um estilo próprio para ele. O foco é sempre fazer com que ele nade o mais rápido possível. É o jeito mais rápido e eficiente para ele ganhar propulsão - comenta o treinador em entrevista ao **ge**, explicando os exercícios de fortalecimento feitos fora da água e mostrados no vídeo acima, postado no Instagram de Fábio: - Fora da piscina, procuramos trabalhar dentro da especificidade de movimentos, colocando ele em posições parecidas com as que ele fica na água.

É a repetição do gesto esportivo que Gabrielzinho tem na água, mas em terra firma e com o acréscimo de pesos e cordas que aumentam o potencial de fortalecimento e resistência muscular do atleta. Gabrielzinho se exercita na academia quatro vezes por semana por semana,

duas delas com foco no fortalecimento de core e as outras duas, com o objetivo de gerar maior potência específica. Na água, o nadador treina duas horas por dia, seis dias por semana, aprimorando sua técnica.

Gêmeas da natação fazem dobradinha de prata e bronze nos 100m peito SB14 nas Paralimpíadas - 02/09/2024

Debora Carneiro conquista prata, seguida da irmã gêmea Beatriz com o bronze nas Paralimpíadas; conquista veio no aniversário do paí delas, Eraldo Carneiro, que está em Paris

As irmãs gêmeas Debora e Beatriz Carneiro bateram quase juntas na borda para a conquista das medalhas de prata e bronze nos 100m peito da classe SB 14, para atletas com deficiência intelectual, nas Paralimpíadas de Paris. Debora completou a prova com o tempo de 1min16s02, enquanto Bia anotou 1min16s42. O ouro foi para britânica Louise Fides com 1min15s47. A conquista das duas veio no dia do aniversário do paí delas, Eraldo.

- Em Tóquio eu fiquei em quarto por três centésimos e agora a gente vai subir no pódio juntas. Tô mega feliz, quem sabe em Los Angeles não fico em segundo ou terceiro? É minha segunda Paralimpíada, mas a primeira com público. E hoje meu paí tá aí, é aniversário dele e a gente queria deixar um feliz aniversário pro meu paí - disse Débora.

Na última edição dos Jogos, em Tóquio, as duas disputaram a final dessa prova. Beatriz ficou em terceiro lugar, e Debora ficou em quarto. No Mundial de 2023, as duas fizeram dobradinha, com ouro de Débora e prata de Beatriz.

- É muito emocionante. Eu me sinto emocionada porque carregar uma medalha, só a gente sabe o que a gente sofre, que a gente perde festa, perde muita coisa para estar aqui. A natação é nossa vida. Eu me sinto muito honrada. Paí, feliz aniversário! - disse Bia.

Beatriz foi diagnosticada aos seis anos com deficiência intelectual. Iniciou a natação como hobby e, aos 12 anos, começou a competir. Está desde 2017 na seleção brasileira. Já Debora nasceu com deficiência intelectual grau moderado. Conheceu a natação em 2013, quando tinha 14 anos.

Lidia Cruz conquista bronze e natação fecha melhor campanha da história - 07/09/2024

Lidia Cruz vai ao pódio nos 50m costas S4 e natação encerra Paralimpíadas com 26 medalhas

O Brasil manteve a escrita de conquistar medalha todos os dias na natação dos Jogos Paralímpicos e, neste sábado, no encerramento da modalidade em Paris, obteve um bronze. Lídia Cruz, nos 100m costas da classe S4, que se recuperou dois dias depois de ter queimado a largada em sua principal prova, os 50m livre.

Com os resultados, a natação brasileira fecha as Paralimpíadas com o maior número de medalhas da história, 26, superando os 23 de Tóquio. Foram sete ouros, nove pratas e dez bronzes. Os grandes destaques foram Carol Santiago, da classe S12, e Gabriel Araujo, da classe S2, que conquistaram três ouros cada.

Nesta sábado, Lídia Cruz completou os 50m costas da classe S4 na terceira posição, com o tempo de 52s00. O ouro ficou com a grega Alexandra Stamatopoulou, com 50s12, e a prata com a alemã Gina Boetcher, com 51s40.